

RECOMEÇAR
(QUASE) DO ZERO



TRATAR O QUE FICA NOS DOENTES,
DEPOIS DA COVID-19



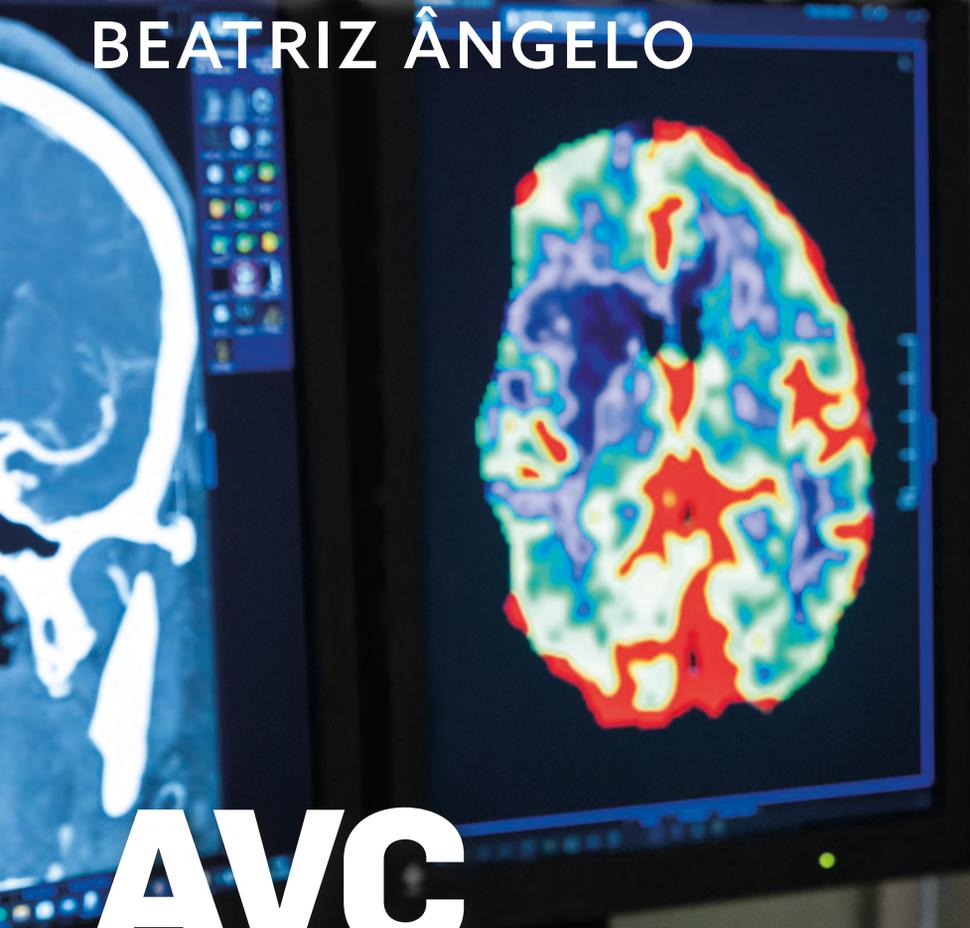
Nº26 * Julho 2021 * Distribuição gratuita

www.hbeatrizangelo.pt

informação

LUZ SAÚDE

BEATRIZ ÂNGELO



AVC

A CORRIDA PARA SALVAR O CÉREBRO



AJUDAR A CRESCER ✨ 12 HORAS A CORRER EM HOMENAGEM AO HBA

Wells+



DAMOS PRIORIDADE À SUA QUALIDADE DE VIDA



MOBILIDADE | CONFORTO | INDEPENDÊNCIA



135€

~~150€~~ CADEIRA DE RODAS
PNEUMÁTICAS GARCÍA



963€

~~1070€~~ CAMA ELÉTRICA
MEDLEY COMPLETA



1.404€

~~1.560€~~ SCOOTER LEO
DISPONÍVEL TAMBÉM

+ DE 1000 PRODUTOS

PAGUE
3, 6, 12x
S/ JUROS



Modalidades disponíveis em 3, 6 ou 12x SEM JUROS
TAEG 0%

Exemplo representativo de **Crédito Pessoal** para uma compra de 1500€, paga em 3 mensalidades de 500€, TAN 0% e TAEG 0%. **Campanha de Crédito válida de 1 de janeiro a 31 dezembro 2021.** Crédito concedido pela SFS - Financial Services, IME, S.A. **Saiba mais em universo.pt.**

SEMPRE EMPENHADOS EM MELHORAR OS RESULTADOS EM SAÚDE DOS NOSSOS DOENTES

Artur Vaz Administrador Executivo



FOTO: CLARA AZEVEDO

O anterior número da revista do Hospital Beatriz Ângelo (HBA) foi inteiramente dedicado à Covid-19 e ao seu impacto no Hospital e na vida dos seus colaboradores e doentes. Longe estávamos de pensar que, após uma ilusória trégua no período do Natal, a pandemia regressaria em toda a sua força, colocando à prova a resiliência e capacidade de resposta do HBA e dos seus valorosos profissionais. Entre janeiro e fevereiro de 2021, atingimos o máximo de esforço dedicado à assistência aos doentes infetados pelo vírus. 88% da capacidade de internamento do Hospital foi ocupada com o internamento destes doentes. Uma situação nunca vivida por nenhum dos milhares de colaboradores do HBA!

Agora, que o pior parece já ter passado, o HBA pode voltar a uma quase normalidade, apesar de manter uma enfermaria (31 camas) e uma Unidade de Cuidados Intensivos (10 camas) dedicadas aos doentes com Covid e de se manterem as medidas de segurança individual e coletiva.

Por isso, este número da revista aborda a essencial retoma da atividade, que as outras doenças não deixaram de se fazer sentir. Mas mostra, também, como os efeitos da Covid-19 se prolongam bem para além do episódio inaugural e

afetam a saúde e qualidade de vida de muitos dos doentes que estiveram internados no HBA, o que nos levou a criar respostas específicas para as necessidades destes doentes.

Outros dois temas principais deste número referem-se, um aos rastreios oncológicos e não só, que são essenciais para antecipar as terapêuticas e melhorar os resultados finais e, outro à corrida para salvar o cérebro através da Via Verde AVC. Seja em regime programado ou no Serviço de Urgência, o HBA continua empenhado em melhorar os resultados em saúde dos seus doentes, não poupando esforços, inteligência e organização para disponibilizar a resposta adequada à multiplicidade de ameaças à saúde das populações da sua área.

Falamos também, como habitualmente, dos bastidores do HBA, serviços in-

A nossa certeza é que, independentemente de quem seja responsável pela sua gestão, o HBA continuará a ser o HBA .

visíveis mas essenciais. Neste número, a estrela é a Central de Espólios. Roupa e calçado, joias, dinheiro, documentos e, às vezes, objetos inusitados, fazem parte da complexa atividade deste serviço que merece esta visita.

A corrida solidária HBA, doações aos Hospital e aos seus profissionais, um livro da autoria de uma enfermeira da casa, as novas regras para fazer face à pandemia, para além de notícias de interesse esgotam a multiplicidade de temas abordados.

Este é o penúltimo número da revista do HBA. O contrato de gestão da Parceria Público-Privada do Hospital Beatriz Ângelo termina a 18 de janeiro de 2022 e o Estado português comunicou a sua intenção de não renovar o contrato. Por isso, neste momento decorre o processo de preparação da transmissão da gestão do HBA para a esfera pública. O último número da revista HBA abordará esse processo e fornecerá informação relevante para a sua compreensão. O objetivo essencial, quer nosso quer do Estado, é de que esta alteração não afete nem os utentes, nem os colaboradores do HBA. A nossa certeza é que, independentemente de quem seja responsável pela sua gestão, o HBA continuará a ser o HBA.

TU CONSEGUES SUPERAR

Juntos conseguimos



www.apav.pt



CHAMADA GRATUITA
116 006
 LINHA DE APOIO À VÍTIMA
 DIAS ÚTEIS DAS 08H-22H

Ligue.



Esta campanha foi financiada pelo Programa de Justiça da União Europeia



Pagalba nusikaltimų aukoms



informação
LUZ SAÚDE
BEATRIZ ÂNGELO

Revista de Informação
do Hospital Beatriz Ângelo

DIREÇÃO

Graça Rosendo

EDIÇÃO

Graça Rosendo, Paula
Azevedo e Raquel Vacas

FOTOGRAFIA

Sara Matos

CONSELHO EDITORIAL

Isabel Vaz
Artur Vaz
Marisa Morais

**REDAÇÃO
E SEDE DO EDITOR**

Rua Carlos Alberto da Mota
Pinto, 17, 9.º andar
1070-313 Lisboa • Portugal
Tel: 213 138 260
NIF: 504 885 367

PROPRIEDADE

Luz Saúde, SA
com 100% de capital.
Conselho de Administração:
Jorge Magalhães Correia,
Isabel Vaz, Chen Qiyu,
Lingjiang Xu, Fang Yao,
Ivo Antão, João Abreu
Novais, Rogério Campos
Henriques, Tomás
Branquinho da Fonseca.
geral@luzsaude.pt

ESTATUTO EDITORIAL

em www.hbeatrizangelo.pt

PRODUÇÃO GRÁFICA

inPrintout

fluxo de produção gráfica

R. D. João V, 16-A, Loja
1250-090 Lisboa
inprintout@inprintout.com

Tiragem:

100 000 exemplares
Registado na ERC
com o n.º 126 152



A rapidez da assistência num acidente vascular cerebral (AVC) é decisiva. Saiba como as equipas do Hospital Beatriz Ângelo atuam e conheça os sintomas daquela que é uma das principais causas de dependência e morte. Pag. 34

03 EDITORIAL

Sempre
empenhados em
melhorar os
resultados em
saúde dos nossos
doentes

06 NOTÍCIAS**10 CONSULTAS
PÓS-COVID**

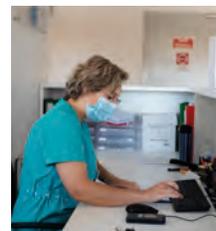
Tratar o que fica
nos doentes
depois da Covid-19

**18 CONSULTAS,
EXAMES E
CIRURGIAS
PROGRAMADAS**

Recomeçar
quase do zero

**26 RASTREIO**
É preciso
voltar a cuidar
da nossa saúde!**40 BASTIDORES**

De guarda aos objetos
pessoais dos doentes

**42 OFERTAS**
Ajudar a crescer
durante a pandemia**46 CORRIDA**

Maratonista
corre 12 horas
em homenagem
aos profissionais
do HBA

**50 COVID-19**
cumpra as regras,
viva em segurança!

ONCOLOGIA DO HBA: SERVIÇO VENCEDOR NA CAMPANHA DE HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS

Todos os anos o Hospital Beatriz Ângelo faz, internamente, uma intensa campanha de promoção das boas práticas de segurança, proteção e higienização das mãos, o meio mais eficaz de evitar infeções associadas aos cuidados de saúde. A última destas campanhas, naturalmente por causa da pandemia da Covid-19, foi realizada em 2019 e



só agora se conheceram os seus resultados. De acordo com as auditorias feitas pelo Grupo Coordenação Local Plano Prevenção Controlo Infeção Resistência Antimicrobianos do HBA, desta vez, a equipa de Oncologia do Hospital foi a vencedora, tendo obtido os melhores resultados, entre todos os serviços clínicos do HBA, na adesão às boas práticas de higienização das mãos.

Numa cerimónia simbólica para assinalar esta 'vitória', e perante uma parte da equipa médica e de enfermagem da Oncologia, o administrador executivo do HBA, Artur Vaz, agradeceu a adesão de todo o serviço a esta iniciativa, enquanto José Luis Passos Coelho, diretor do serviço, afirmou que esta «distinção encheu todos de orgulho», ten-

do aproveitado a oportunidade para agradecer aos responsáveis do Hospital «todo o apoio dado ao serviço, na realização de estágios, na publicação de artigos científicos e até na submissão de um estudo terapêutico da iniciativa do HBA», salientou. Carlos Palos, pelo GCLPPCIRA, salientou o sucesso da iniciativa, relembrando a sua importância na prevenção e combate às infeções associadas aos cuidados de saúde, e a enfermeira coordenadora da oncologia, Sónia Caixeirinho, agradeceu a iniciativa e reafirmou: «Procuramos sempre fazer o melhor pelos nossos doentes».

Além da equipa de oncologia, estiveram presentes também o diretor clínico do HBA, Edgar Almeida, e a enfermeira diretora, Teresa Simões.

EM 2020 AJUDÁMOS A NASCER 6.154 BEBÉS

Nunca nasceram tantos bebés na maternidade do Hospital da Luz Lisboa como em 2020:

um total de 2.850, mais 206 do que no ano de 2019. No total, no ano que passou, nasceram 6.154 bebés nos hospitais do grupo Luz Saúde, com as unidades de Vila Real e de Guimarães a baterem também recordes – respetivamente, 224 (mais 75) e 197 (mais 26) nascimentos.

Maria Clara Silvestre foi uma das 'nossas' bebés: nasceu a 13 de julho no Hospital da Luz Vila Real, com 3,260 kg. Mas a grande maioria dos bebés nascidos em 2020 nos hospitais da Luz Saúde é do sexo masculino: 3.137.

Depois do Hospital da Luz Lisboa, o Hospital Beatriz Ângelo – em Loures, que integra o Serviço Nacional de Saúde e é gerido pela Luz Saúde em Parceria Público-Privada – foi a unidade onde se verificaram mais nascimentos no ano passado: 2.360.

Em relação às outras maternidades, nasceram 264 bebés no Hospital da Luz Arrábida (Vila Nova de Gaia), 188 no Hospital da Luz Póvoa de Varzim e 71 no Hospital da Luz Aveiro.

A Luz Saúde deseja as maiores felicidades às famílias destes bebés, que confiaram nos nossos profissionais para os acompanhar num dos momentos inesquecíveis das suas vidas.

Podem continuar a contar connosco.



'MORS-AMOR', UM ROMANCE HISTÓRICO DA ENFERMEIRA SÓNIA FERREIRA



O cerco à Gália levou cerca de 6 meses, mas todos nós conhecemos a épica história da resistência gaulesa à invasão de César. A Lusitânia resistiu cerca de 200 anos ao domínio romano e poucos são aqueles que conhecem a sua verdadeira história.

'Mors-Amor' é um romance histórico que fala da luta do povo lusitano em relação ao opressor romano, mas contada a partir de uma perspetiva mítica, fantástica e feminina. E foi escrita pela enfermeira do HBA Sónia Ferreira, que desde cedo se mostrou entusiasta da fantasia literária típica dos universos de Marion Zimmer Bradley, Michael Moorcock e Tolkien. Esta é, aliás, a sua primeira aventura no mundo da literatura. Sónia Ferreira nasceu em Lisboa em 1978, é enfermeira desde 2005 e especialista em saúde materna desde 2011. Trabalha no HBA desde novembro de 2012, inicialmente só na sala de partos, mas desde 2014 na consulta de Ginecologia e Obstetrícia.

'Mors-Amor' é uma edição de autor, tendo sido publicado inteiramente com recursos nacionais: o ilustrador é do Porto, a empresa de design gráfico é de Viseu e a gráfica é de Sintra. O livro está disponível para venda online no site www.soniaferreira.pt, onde é possível ficar a conhecer melhor a autora e a sua obra.



GOOGLE HOMENAGEIA CAROLINA BEATRIZ ÂNGELO

A Google presta hoje uma homenagem a Carolina Beatriz Ângelo, médica, republicana e a primeira mulher a votar em Portugal, que deu nome ao Hospital público em Loures que o Grupo Luz Saúde gere em parceria público-privada há quase 10 anos.

Beatriz Ângelo foi a primeira cirurgiã a operar no Hospital de S. José, em Lisboa, e tinha o seu consultório na baixa lisboeta, onde tratava muitos dos mais pobres da cidade. Ao mesmo tempo, integrou ativamente o movimento republicano com o seu marido, também médico, que levou à implantação da República em Portugal, a 5 de outubro de 1910. Aliás, a primeira bandeira da República Portuguesa, hasteada em Lisboa, foi bordada em sua casa, às escondidas, por um conjunto de mulheres republicanas.

Carolina ficaria na história dos direitos civis e da política portuguesa por outra razão: foi a primeira mulher a votar em Portugal. Já viúva, e logo após a revolução republicana, Carolina aproveitou um 'buraco' da lei eleitoral que o novo regime republicano tinha aprovado para, como 'chefe de família', exercer um direito cívico que só viria a ser reconhecido às mulheres portuguesas muitas décadas mais tarde. O episódio foi amplamente noticiado e, apesar das resistências dos próprios republicanos, a médica conseguiu levar a sua avanti: a lei eleitoral dava acesso ao voto a todos os 'chefes de família', condição que Carolina defendeu para se inscrever nos cadernos eleitorais: era viúva e o seu trabalho era o único sustento da família.

Com a ajuda de um juiz também republicano, viu a sua inscrição validada pelo tribunal e, no dia das primeiras eleições após a implantação da República em Portugal, exerceu o seu direito de voto sob os olhares atentos dos jornalistas da época, que não perderam a oportunidade para relatar com todo o pormenor o sucedido.

A verdade é que foi a primeira e, durante décadas, a única portuguesa a votar em eleições nacionais para órgãos de poder político. Logo a seguir, os republicanos, em maioria no parlamento, alteraram a lei eleitoral precisamente para impedir que as mulheres, mesmo sendo 'chefes de família', pudessem votar e participar nas muitas eleições que se seguiram.

Carolina Beatriz Ângelo morreu meses depois deste acontecimento histórico, deixando uma filha órfã. O seu nome, porém, perdurou, inspirando durante décadas a luta das mulheres pela igualdade e pela liberdade.

E foi por todas estas razões que se tornou também no nome do Hospital público de Loures. Há 10 anos, antes de abrir o novo hospital do SNS gerido em parceria público-privado pela Luz Saúde, o Grupo decidiu dedicar o Hospital a esta médica republicana - fazendo, aliás, do Hospital Beatriz Ângelo o primeiro do SNS a ter o nome de uma Santa.

A homenagem que a Google hoje lhe presta é, também, uma homenagem a todas as mulheres que trabalham no HBA e que diariamente dão o seu melhor em nome da população que servem.

Carolina Beatriz Ângelo estaria, hoje, orgulhosa de todas elas.

Obrigada!

UMA URGÊNCIA FARMACÊUTICA DENTRO DA URGÊNCIA DO HOSPITAL

A equipa dos serviços farmacêuticos do Hospital Beatriz Ângelo (HBA), dirigida por Cláudia Santos, criou um serviço de apoio farmacêutico à área covid-19 da Urgência do HBA, considerado inovador e único e que permitiu reduzir tempos de acesso a medicamentos e a tratamentos urgentes, durante a pior fase da pandemia.

Esta farmácia-satélite dos Serviços Farmacêuticos do HBA esteve em funcionamento 24 horas por dia, todos os dias da semana, enquanto o Hospital enfrentava um dos períodos mais difíceis da sua história, com todos os seus recursos humanos e físicos concentrados nos doentes com SARS-CoV2 internados no Hospital. O HBA chegou a ter mais de 80% da sua capacidade e camas em exclusividade dedicadas aos doentes Covid,

sendo uma das áreas críticas o Serviço de Urgência, permanentemente lotado durante as primeiras semanas deste ano. O serviço farmacêutico de apoio à urgência geral do HBA assegurou rapidez e segurança no acesso aos medicamentos e tratamentos urgentes, de que as equipas clínicas necessitavam para os quadros mais complicados dos seus doentes, respondendo às prescrições praticamente em tempo real e no local onde os medicamentos eram mais precisos.

Foi um serviço único no género, nos hospitais públicos portugueses, e contou com a coordenação da farmacêutica Miriam Capoulas e a colaboração de toda a equipa dos serviços farmacêuticos do HBA, que se dedicou de forma mais uma vez extraordinária.



FOTO DE SARA MATOS NOS CUIDADOS INTENSIVOS DO HBA PREMIADA EM CONCURSO

A fotografia 'Cuidados Intensivos', que ilustra esta notícia e foi tirada pela fotógrafa Sara Matos na Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital Beatriz Ângelo (HBA), foi distinguida com o 3.º prémio no concurso organizado pela Somos-ACLIP (Associação de Comunicação em Língua Portuguesa). A fotógrafa captou um breve momento de



descanso de um enfermeiro, sentado numa cadeira na área da UCI reservada aos doentes com COVID-19, aliviando um pouco a pressão e o cansaço causados pelos equipamentos de proteção individual, que se tornam extenuantes ao fim de algumas horas de turno. O 1.º prémio foi atribuído a Rodrigo Cabrita, pela fotografia 'Lágrima', que retrata a primeira criança internada em Portugal por COVID-19, no Hospital Dona Estefânia. 'Mãe, vou-te abraçar!' é o título da fotografia que foi distinguida com o 2.º prémio, da autoria de João Porfírio, que captou o primeiro abraço entre uma filha e a mãe, através de uma cortina de plástico com mangas a separá-las, após três meses de visitas interditas nos lares.

A Somos-ACLIP é uma organização cultural sem fins lucrativos com sede em Macau, que tem por objetivo a dinamização da língua portuguesa no território. Esta terceira edição do concurso 'Somos - Imagens da Lusofonia'

tinha como tema a 'Alma lusófona em tempos de Covid-19', sendo aberta a todos os cidadãos dos países e regiões da lusofonia com fotografias tiradas em qualquer um dos seus locais de origem: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste ou Goa, Damão e Diu.

O júri salientou que a sua tarefa na edição deste ano foi "difícil", devido à qualidade das fotografias, que "superou" a das edições anteriores. As imagens vencedoras, juntamente com dezenas de outras que foram selecionadas pela relevância para o tema do concurso fotográfico e para os objetivos da Somos - ACLIP - de projetar a dimensão cultural da lusofonia e o papel de Macau enquanto plataforma que une a China e os países/regiões de língua portuguesa -, integram uma exposição com inauguração marcada para o dia 26 de março, na Fundação Oriente, em Macau.

MURAL EM LOURES HOMENAGEIA PROFISSIONAIS DE SAÚDE



Um mural com cerca de 70 metros de comprimento e seis de altura, pintado pelo **street artist** Asur numa das principais avenidas de Loures, de acesso ao Hospital Beatriz Ângelo, homenageia os profissionais de saúde que estiveram e continuam a estar na linha da frente do combate à pandemia da COVID-19.

A homenagem foi uma iniciativa da Câmara Municipal de Loures e o mural foi inaugurado no passado dia 10 de dezembro, contando com a presença do presidente da autarquia, Bernardino Soares, e do administrador exe-

cutivo do HBA, Artur Vaz. Na ocasião, Bernardino Soares justificou a iniciativa como «uma homenagem que vai permanecer e que nos lembrará para sempre os profissionais de saúde, o seu trabalho e a sua importância». Por seu lado, o administrador do Hospital, afirmou, agradecendo a homenagem, «que os profissionais de saúde foram os primeiros a ser afetados pela pandemia» e recordou que «a homenagem mais importante deve ser o compromisso dos portugueses para com as regras de segurança». Asur, que também esteve presente na inau-

guração do seu mural, contou que alguns profissionais do HBA «deram uma ajuda nas pinturas e na construção desta obra», salientando que foi uma forma de também deixarem «a sua marca». O artista é natural de Albufeira, tem 27 anos e pinta desde os 12 anos nas ruas do Algarve, sem nunca ter tido formação artística. Tem obras de Arte Pública em Portugal e em vários lugares do mundo, o trabalho mais distante está no túnel pedonal por baixo da Rotunda dos Descobrimentos, no parque do ribeirão em Albufeira.

#1

MARCA DE LENTES
PROGRESSIVAS NO MUNDO*

VEJA OS DETALHES. VEJA SEM LIMITES.

Consiga uma visão precisa com as lentes progressivas VARILUX®.
Foco instantâneo da visão de perto para a de longe.



essilor

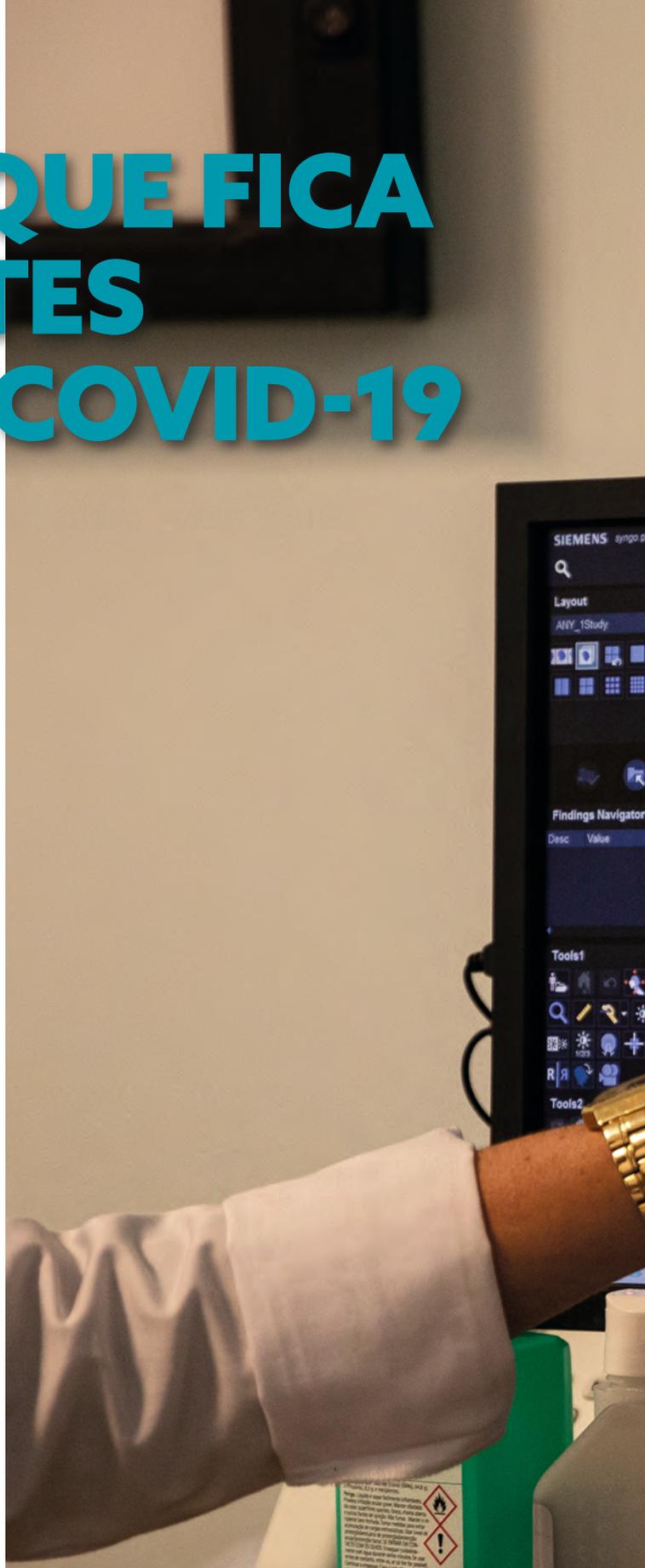
varilux®

TRATAR O QUE FICA NOS DOENTES DEPOIS DA COVID-19

Mais de duas mil pessoas já passaram pelas áreas covid do internamento e dos cuidados intensivos do Hospital Beatriz Ângelo, desde que a pandemia começou. Hoje, além de continuarem a trabalhar nestas áreas - porque a Covid-19 ainda não desapareceu -, equipas de especialistas de pneumologia, medicina interna, medicina intensiva, fisioterapia e outras especialidades médicas do HBA dedicam-se também à vigilância e acompanhamento dos doentes a quem a doença parece ainda não ter saído do corpo. As consultas pós-covid passaram a fazer parte da atividade diária do Hospital.

Já lá vão mais de seis meses. Aos 55 anos, João, que dirige uma empresa de contabilidade, continua preocupado. «O cansaço é o maior problema. A andar, a subir escadas, a fazer a minha jardinagem lá em casa. Tenho sempre de parar a meio», confessa. A Covid-19 obrigou-o, em dezembro passado, a estar internado durante duas semanas. Passou a maior parte desse período na Unidade de Cuidados Intensivos (UCI)

São já centenas os doentes seguidos na consulta pós-covid do Hospital Beatriz Ângelo, que é realizada por médicos de várias especialidades





Os doentes que estiveram internados com doença grave ou crítica saem do hospital já com uma consulta presencial de acompanhamento pós-covid agendada, para, no máximo, daí a 4 semanas. São ainda feitas consultas telefónicas regulares aos doentes que permaneceram em cuidados intensivos.

do Hospital Beatriz Ângelo (HBA). E é por isso que está, seis meses depois, nesta consulta com a pneumologista Nídia Caires. «Quando veio à primeira consulta, depois do seu internamento, dizia que se cansava muito. Continua a sentir-se na mesma? Não sente nenhuma diferença?», pergunta a médica.

João acena com a cabeça, com um certo desânimo. «Continuo a cansar-me muito, sim. Quando subo escadas, noto que a tensão arterial sobe e que o oxigénio desce. Ligeiramente, mas é o que acon-

tece», relata, para logo a seguir acrescentar: «Felizmente, já não tenho tosse nem expetoração!»

A médica toma notas no processo clínico do seu doente. Observa os últimos exames que João fez no hospital. Mostra-lhe, pelo ecrã do seu computador, a sua última TAC aos pulmões. E foca-se especialmente nesta imagem, depois de a comparar com as imagens de exames anteriores, feitos quando João esteve internado: «Como vê, está tudo limpo. A nível pulmonar, não ficou com nenhuma sequela. Ou seja, não

há aqui nada que indique falta de capacidade respiratória». E enquanto a consulta decorre, João vai falando do que ainda sente. A médica aproveita cada momento para o aconselhar e explicar o que é preciso fazer a seguir.

Esta consulta pós-covid está quase a terminar. O doente - porque ainda é assim considerado pela equipa de especialistas do HBA que fazem a avaliação e o seguimento pós-covid - voltará ao Hospital para nova consulta no final do ano, já com novos exames de reavaliação realizados.

'A MFR tem também programas de reabilitação que envolvem já cerca de 800 doentes que passaram pelas áreas covid do nosso Hospital', relata o diretor clínico Edgar Almeida

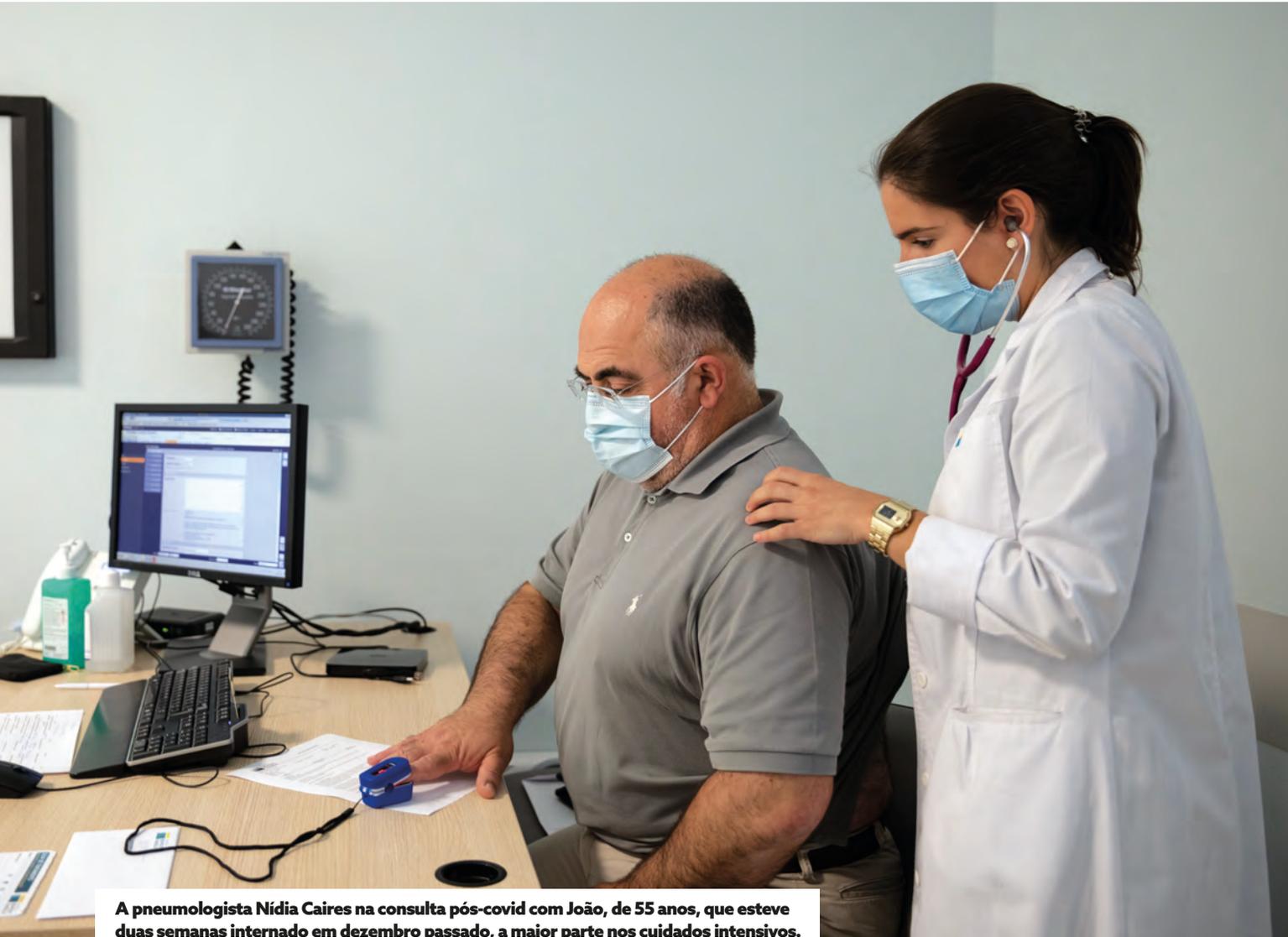


CENTENAS DE DOENTES EM CONSULTA PÓS-COVID

João é um dos cerca de 300 doentes que, depois de ter estado internado no HBA com covid-19 grave, continua a ter acompanhamento clínico presencial e regular no hospital, depois de ter ultrapassado a fase aguda da doença. «Gostava de dizer que já demos alta a alguns destes doentes, mas não seria verdade. Não demos... E confesso até que estes são doentes que vão continuar a ser acompanhados por nós, em consulta, durante mais algum tempo, porque ainda precisam da nossa monitorização e da nossa ajuda, até em termos de programas de reabilitação. Esta doença tem, de facto, um forte impacto na saúde das pessoas que vai muito para além da fase aguda».

Sofia Furtado, diretora da pneumologia do Hospital Beatriz Ângelo, está desde o primeiro dia no combate à pandemia. A sua equipa de especialistas, ao lado das de Infeciologia, Medicina Interna e Medicina Intensiva do HBA, está provavelmente entre aquelas que melhor conhecem hoje esta nova doença e o que ela implica na saúde dos seus doentes.

«Começámos, muito cedo, a trabalhar com estes doentes numa perspetiva pós-alta.



A pneumologista Nídia Caires na consulta pós-covid com João, de 55 anos, que esteve duas semanas internado em dezembro passado, a maior parte nos cuidados intensivos.

Percebemos desde logo que, quando tinham alta hospitalar, muitos mantinham alterações imagiológicas, tinham ainda sintomas e, por isso, exigiam mesmo uma reavaliação pós-alta», começa por explicar. «E por isso decidimos, então, que esta reavaliação pós-covid devia seguir um protocolo clínico bem estruturado, feito com base no conhecimento científico que ia sendo divulgado sobre a doença e na experiência e inputs das várias especialidades que, aqui no Hospital, estiveram mais diretamente envolvidas no tratamento da Covid-19», acrescenta. Por enquanto, este acompanhamento pós-covid está sobretudo dedicado aos

«doentes graves e críticos, que estiveram internados no HBA». No momento da alta hospitalar, para todos aqueles que apresentam ainda sintomas ou queixas relacionadas com a doença ou com o internamento prolongado é agendada uma consulta pós-covid presencial, com um especialista de pneumologia ou de medicina interna, que determina, a partir daí, todo o percurso da avaliação que é necessário fazer.

«A primeira consulta deve acontecer no prazo máximo de 4 semanas após a alta hospitalar, seguindo-se depois outras consultas, em média, de seis em seis meses», adianta a pneumologista, acrescentando: «Mas não basta isto. É fundamental que

estes doentes façam regularmente vários exames, especialmente, as provas de avaliação funcional (dos pulmões), para os quais temos todas as condições aqui no HBA». Desde julho de 2020, quando começou esta consulta pós-covid, que o número dos doentes em seguimento pós-covid não para de crescer. «São já cerca de 300!», diz Sofia Furtado, referindo-se àqueles que são seguidos nas consultas de pneumologia. Porque há outra parte substancial destes doentes que é vigiada em consultas de Medicina Interna e até de Medicina Intensiva, tal como está aliás previsto no protocolo clínico de seguimento pós-covid do HBA.

40% DE MORTALIDADE ACIMA DOS 85 ANOS

O Departamento de Medicina do Hospital Beatriz Ângelo está a concluir um estudo observacional sobre casuística dos mais de dois mil doentes internados com covid-19 no HBA no primeiro ano de pandemia, cujas conclusões deverão ser publicadas brevemente em publicações científicas e médicas.

O período abrangido por este estudo situa-se entre o dia 26 de março de 2020, data em que foi internado o primeiro doente com Covid-19 no HBA, e o dia 31 de março 2021. Um ano certo e um total de 2.287 doentes, distribuídos por 3 vagas: a primeira, entre 26 março e 31 agosto 2020 (foi o período em que tivemos o menor número de doentes internados); a segunda, entre 1 de setembro e 31 dezembro de 2020; e a terceira vaga, entre 1 de janeiro e 31 março de 2021 (a que teve o maior número de doentes internados).

Segundo o médico e diretor clínico do HBA, Edgar Almeida, que coordena o estudo, a amostra selecionada para este estudo foi estratificada por grupos etários e tipologia de doentes. Nesta última categoria, foram definidos os seguintes tipos de doentes:

- doentes que entraram na Urgência com quadro clínico de Covid-19, diagnóstico confirmado e internamento (é o que tem maior nº de pessoas);
 - doentes que estão internados por outra patologia e que contraem Covid-19 durante o internamento; é o doente com infeção nosocomial;
 - doentes que, na admissão, apresentavam quadro clínico suspeito, com os primeiros testes negativos e internamento, em que o teste positivo só surge entre a admissão e o 14º dia de internamento; é o doente *delay*, com diagnóstico atrasado, como tem sido designado.
- Estas estratificações têm permitido fazer a análise segundo a duração do internamento, as taxas de mortalidade e de admissão em cuidados intensivos, entre outros parâmetros. E os primeiros resultados dão já algumas importantes informações sobre o impacto da Covid-19.

«A mortalidade foi extremamente elevada, particularmente no grupo etário dos 85 anos ou mais: 40% das pessoas com mais de 85 anos internadas morreram com esta doença. Diria até que, a partir dos 65 anos, a mortalidade foi muito significativa», explica o coordenador do estudo, sem adiantar mais dados.

Para Edgar Almeida, este resultado, só por si, confirma a ideia de que a estratégia de vacinação da população contra a Covid-19 deve seguir apenas um único critério: «Há um grupo de risco e este deve definir-se pela idade», afirma, acrescentando: «Verificámos, por exemplo, que a mortalidade foi muito maior na segunda vaga do que na primeira. E porquê? Provavelmente, porque foi durante essa segunda vaga que aconteceu a maior parte dos surtos nos lares, onde estão concentrados os mais velhos da nossa população».

«Para os doentes que estiveram internados na UCI, é agendada, na data da alta hospitalar, uma consulta telefónica para daí a três meses, a qual é repetida aos seis, nove e 12 meses. Os colegas da Medicina Intensiva têm feito estas consultas com bastante regularidade e, para grande satisfação de todos, tem tudo corrido muito bem. Não há registo de sequelas graves por causa do internamento em cuidados intensivos», afirma, por seu lado, o diretor clínico do HBA, Edgar Almeida, acrescentando: «A Medicina Física e de Reabilitação tem também tido um papel muito intenso neste trabalho com os doentes pós-covid, com programas de reabilitação envolvendo já cerca de 800 doentes que passaram pelas áreas covid do nosso Hospital». Isto sem esquecer o apoio de todas as outras especialidades, como a neurologia ou a cardiologia, para onde são orientados os doentes com queixas mais específicas destas áreas.

'NÃO SE ESQUECERAM DE NÓS'

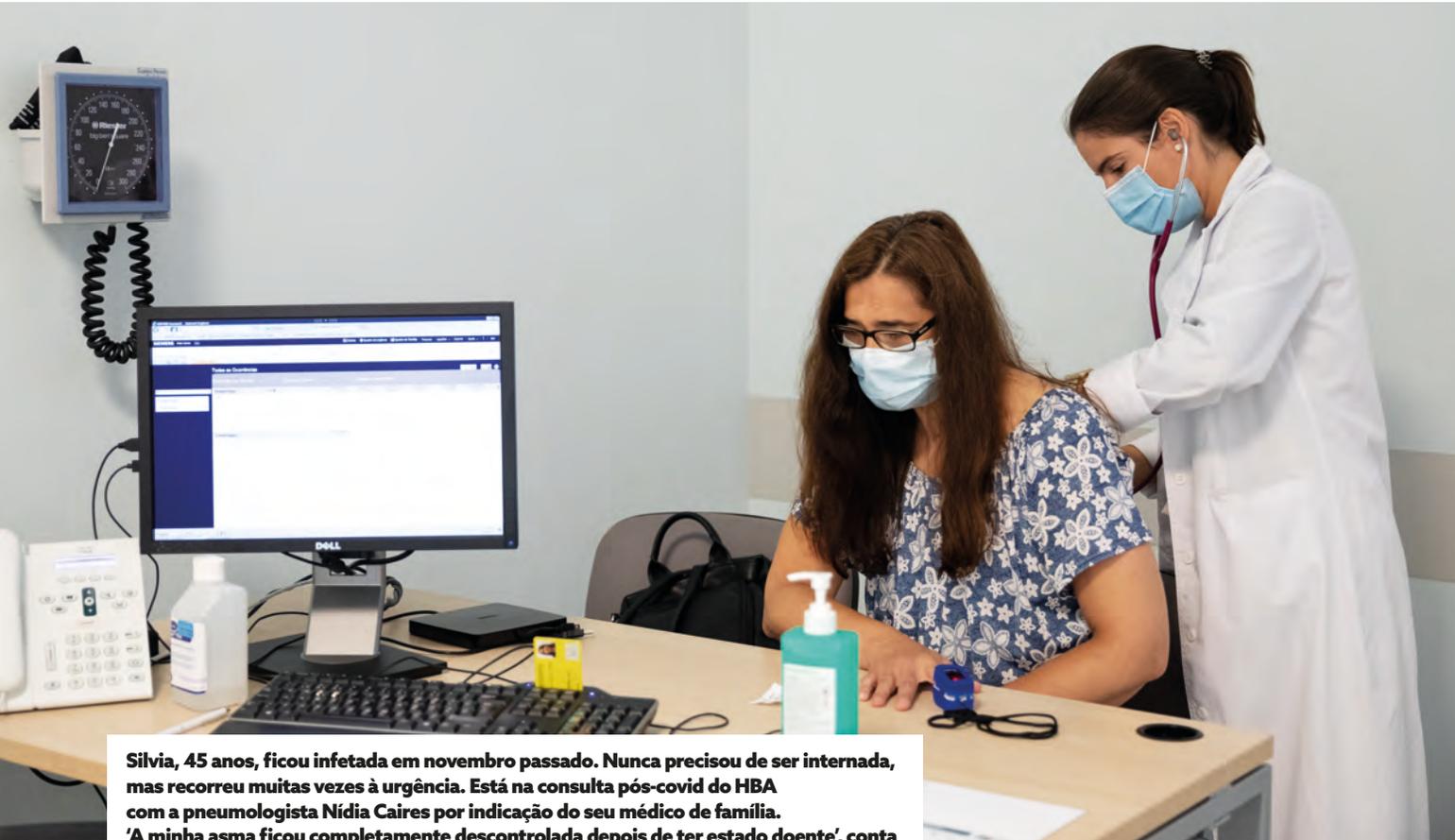
«Gostaríamos de ter maior capacidade de resposta», assume o diretor clínico do HBA, Edgar Almeida, a propósito de outro grupo de doentes. É que não são apenas

aqueles que tiveram covid grave ou crítica que necessitam de um acompanhamento após a doença. Hoje, há cada vez mais relatos da chamada 'covid longa' em pessoas que passaram pela infeção quase sem sintomas - e que, ao fim de 3, 6 ou mais meses, continuam a não se sentir em forma. «É verdade: gostaríamos de conseguir responder melhor à nossa comunidade. Mas estamos a trabalhar para isso», acrescenta o diretor clínico, explicando: «Falámos, por exemplo, com os responsáveis do ACES Loures-Odivelas, precisamente para acertarmos a referência correta deste tipo de doentes (que não estiveram internados mais ainda têm queixas após a fase aguda)», afirma Edgar Almeida, explicando: os doentes ex-covid com persistência de manifestações atribuíveis à doença devem então procurar o seu médico de família, estando combinado que «a referência para a consulta hospitalar será feita para a especialidade da manifestação sintomática dominante». Se for cansaço ou falta de ar, pode ser para a cardiologia ou para a pneumologia. Falta de força ou de capacidade para retomar o exercício físico, poderá ser Fisioterapia. Sintomas como a falta de memória, perda de olfato ou paladar, para a neurologia.



'Começámos, muito cedo, a trabalhar com estes doentes numa perspetiva pós-alta. Percebemos desde logo que, quando tinham alta hospitalar, muitos mantinham alterações imagiológicas, tinham ainda sintomas e, por isso, exigiam mesmo uma reavaliação pós-alta', explica Sofia Furtado, diretora da pneumologia do HBA

Os doentes que tiveram uma manifestação ligeira de Covid-19, mas mantêm persistência de manifestações atribuíveis à doença, devem procurar o seu médico de família, devendo 'a referenciação para a consulta hospitalar ser feita para a especialidade da manifestação sintomática dominante', explica o diretor clínico do HBA.



Silvia, 45 anos, ficou infetada em novembro passado. Nunca precisou de ser internada, mas recorreu muitas vezes à urgência. Está na consulta pós-covid do HBA com a pneumologista Nídia Caires por indicação do seu médico de família. 'A minha asma ficou completamente descontrolada depois de ter estado doente', conta

«Com a primeira consulta numa destas especialidades, o doente passa a ser seguido internamente nos termos do nosso protocolo clínico, sendo feita a avaliação completa e, caso a caso, chamadas a intervir as especialidades médicas necessárias à melhor evolução clínica do doente», adianta.

Silvia, 45 anos, é um destes casos. Ficou doente em novembro passado, depois de um surto de covid-19 no seu local de trabalho. É auxiliar de ação educativa numa creche e recorda bem os dias de «dores no corpo, tosse, falta de ar e cansaço» que

sentiu durante a fase aguda da doença. Ficou sempre em casa, mas «vim muitas vezes aqui à urgência». Felizmente, não chegou a precisar de internamento hospitalar. Está na consulta pós-covid do HBA com a pneumologista Nídia Caires, referenciada pelo seu médico de família. «Já tinha asma, mas não era nada de especial», conta, para explicar de seguida: «Com a covid, a minha asma ficou completamente descontrolada. Além disso, continuo a sentir-me muito cansada e com falta de ar, sobretudo quando ando mais, quando faço movimentos mais intensos ou faço alguma

coisa que puxe mais pelo meu corpo». Silvia toma agora medicação regular para controlo da sua doença asmática. Precisa, por isso, de continuar a ser monitorizada nesta consulta pós-covid, onde os outros sintomas associados vão sendo também avaliados pela pneumologista. «Já me sinto um pouco melhor», confessa a doente. E exemplifica: «Consigo tomar banho sem me cansar... Mas se me mexo um pouco mais, preciso de parar para beber água. Por causa da falta de ar». A médica anota tudo o que Silvia vai contando. Falam dos exames feitos antes desta

Poder tranquilizar os próprios doentes, nestas consultas, mostrando-lhes que estão a evoluir positivamente e que estamos cá para os acompanhar, é fundamental. Como faz questão de declarar João: 'Tive um excelente atendimento aqui no Hospital. Fui muito bem tratado e continuo a sê-lo! Não se esqueceram de nós. Só isso já é ótimo!'

OS NÚMERO DA COVID-19 NO HBA

O Hospital Beatriz Ângelo continua a ser, em 2021, um dos hospitais no país que esteve sob maior pressão da pandemia de Covid-19.

Só nos primeiros três meses deste ano, foram tratados no HBA cerca de mil doentes infetados com SARS-CoV-2, tantos quantos o de todo o ano de 2020. Até maio, aliás, o total de doentes com Covid-19 no Hospital Beatriz Ângelo ia já em 1.514.

Estes são os principais números da pandemia no HBA, desde 26 de março de 2020, dia em que foi internado o primeiro doente com Covid-19, e até 30 de junho de 2021:

2.584

doentes internados
(dos quais 522 em UCI)

591

óbitos

70.190

testes realizados

70 anos

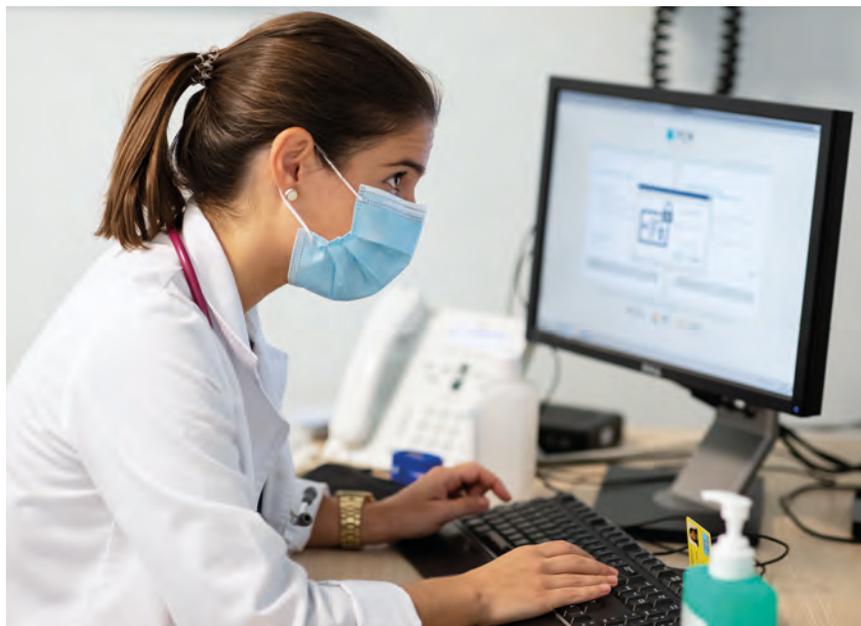
idade média

16 anos

idade do doente internado
mais novo

102

idade do doente internado
mais velho



“Sabemos pouco desta doença, é certo, mas estas consultas e o seguimento que fazemos aos doentes ajudam-nos a perceber melhor que sequelas deixa e como devemos tratá-las”, diz a pneumologista do HBA, Nídia Caires

consulta - «está tudo bem, pode ficar descansada!» - e preparam os próximos passos deste acompanhamento. Sílvia, tal como já fora dito a João, vai voltar daqui a seis meses para nova consulta e novos exames. «Alguns doentes ficam com sequelas pulmonares e as suas queixas respiratórias são enquadráveis em alterações intersticiais (do pulmão). Nestes casos, trata-se de queixas mais exuberantes, que exigem uma vigilância intensa e medicação bem controlada», conta Nídia, no final de mais uma manhã de consultas pós-covid. «Outros, que são aliás a maioria, falam em cansaço e até falta de ar, que persistem durante muito tempo. E há também quem se queixe de falta de memória e até de perda de cabelo», acrescenta. A verdade é que ainda não é possível dar

todas as respostas, confirma a pneumologista: «Sabemos pouco desta doença, é certo, mas estas consultas e o seguimento que fazemos a estes doentes ajudam-nos a conhecê-la cada vez melhor, a perceber melhor que sequelas deixa e como devemos tratá-las». Mais importante, afirma Nídia, «é a possibilidade de, nestas consultas, tranquilizarmos os próprios doentes, mostrando-lhes que estão a evoluir positivamente e que estamos cá para os acompanhar». Este é, afinal, um valor essencial para quem passou pela doença e sente que ela ainda não lhe saiu do corpo. Como faz questão de declarar João: «Tive um excelente atendimento aqui no Hospital. Fui muito bem tratado e continuo a sê-lo! Não se esqueceram de nós. Só isso já é ótimo».

podcast
**hospital
da luz**

LUZ SAÚDE

EFEITOS PÓS-COVID

**Os nossos
especialistas
falam do que
sabem**

OIÇA TODAS AS RESPOSTAS
NO PODCAST HOSPITAL DA LUZ.



 **HOSPITAL DA LUZ**

Para mais informações consulte

MY LUZ hospitaldaluz.pt

RECOMEÇAR (QUASE) DO ZERO

Desde maio que o HBA praticamente voltou aos níveis habituais de atividade, após um início de 2021 devastador, devido à terceira vaga de Covid-19. O diretor clínico, Edgar Almeida, descreve uma situação sem precedentes.





No início de 2021, o HBA teve de concentrar-se na resposta à avalanche de doentes com Covid-19: nos primeiros três meses, recebeu 10.885 pessoas com sintomas da doença.

Destas, cerca de 1.000 estiveram internadas, um número igual ao de todo o ano de 2020



Mal a evolução da pandemia permitiu, as equipas de cirurgia foram reativadas e a recuperação está a ser rápida, otimizando todos os recursos do hospital

A terceira vaga de Covid-19, nos primeiros três meses de 2021, teve um impacto na atividade do Hospital Beatriz Ângelo (HBA) semelhante ao que acontece quando surge um obstáculo imprevisto em plena autoestrada e os carros têm de desacelerar rapidamente e de forma controlada para evitar o despiste. Neste caso, o HBA teve de concentrar-se na resposta à avalanche de pessoas com sintomas de Covid-19 que aqui acorriam diariamente nesse período crítico e travar a fundo nas habituais consultas, exames e cirurgias. A velocidade de marcha só pôde ser retomada quando a afluência abrandou, em finais de março.

A pandemia obrigou, assim, ao adiamento de milhares de consultas, exames e cirurgias agendadas para os primeiros meses do ano. Quando a Covid-19 passou a estar mais controlada, todas as especialidades do hospital redobram esforços e, a partir de maio, os níveis de atividade voltaram já a ser semelhantes aos de 2019, o último ano 'normal' antes da pandemia. «A terceira vaga de Covid-19 foi terrível e teve repercussões muito graves para o funcionamento do hospital, ainda mais do que em 2020. Entre 15 de janeiro e princípio de março de 2021, nós não fazíamos praticamente mais nada além de atender doentes com Covid-19 e situações de emergência», recorda Edgar Almeida, diretor clínico do HBA. Para se perceber melhor os 'estragos' então causados pela tempestade pandémica, é preciso ter em conta que, só nos primeiros três meses de 2021,



‘Segundo Edgar Almeida, diretor clínico do HBA, ‘estávamos todos ansiosos por regressar à atividade normal. Os números mostram que já estamos ao nível de atividade de 2019’

deram entrada no HBA 10.885 pessoas com sintomas de Covid-19. Destas, cerca de mil tiveram de ser internadas, um número equivalente ao registado em todo o ano de 2020.

A grande maioria das especialidades teve, por isso, de cancelar a quase totalidade da sua atividade programada, para reforçar o atendimento dos doentes infetados com o vírus SARS-CoV-2, quer na Urgência Geral, quer nas enfermarias de internamento. «Quase ninguém ficou de fora desse esforço. Até médicos de Ginecologia integraram as equipas de internamento», conta Edgar Almeida. Apenas algumas especialidades – como Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Oncologia (que

até aumentou ligeiramente o número de consultas e tratamentos), Obstetrícia (salas de partos) e Pediatria – mantiveram a atividade habitual.

«De resto, tivemos de cancelar praticamente toda a atividade programada, quer as consultas externas, quer as cirurgias», explica o diretor clínico. As cirurgias mais urgentes, após autorização da Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo (ARSLVT), foram sendo realizadas em unidades da rede Hospital da Luz, do grupo Luz Saúde – nomeadamente, o Hospital da Luz Clínica de Odivelas (que efetuou cirurgias de Oftalmologia e exames de gastroenterologia), o Hospital da Luz Lisboa (cirurgias oncológicas, de esófago,

pâncreas e fígado, e outros casos que implicam o apoio de cuidados intensivos), o Hospital da Luz Oeiras e o Hospital da Luz Torres de Lisboa (Dermatologia, Ortopedia e Urologia).

«A nossa preocupação foi a de nunca comprometer os programas terapêuticos que estavam em curso e as intervenções que eram mais urgentes», salienta Rui Maio, diretor do Serviço de Cirurgia Geral e do Departamento de Cirurgia do HBA.

A RECUPERAÇÃO

Dentro de portas, nesse período crítico, o HBA só teve capacidade para acorrer às situações de Covid-19 e emergências. «Entre final de janeiro e finais

O total de consultas realizadas entre março e maio de 2021 foi de 72.087, um número equivalente ao registado no mesmo período de 2019 (71.895).

de fevereiro deste ano, chegámos a ter 88,4% de ocupação das camas médico-cirúrgicas com casos Covid. É algo impensável e marcou-nos profundamente», afirma o diretor clínico do HBA. A Unidade de Cuidados Intensivos esteve, nesse período, sempre totalmente preenchida, com doentes Covid e outros casos de emergência, mesmo depois de ter sido alargada a sua capacidade habitual, o que inviabilizava a realização de cirurgias programadas.

Mas não foi só isto que tornou o dia-a-dia das equipas muito pesado: era também o facto de sentirem que os seus doentes habituais, os não-Covid, estavam «a ficar para trás, sobretudo os das doenças crónicas». «Os médicos e os profissionais de saúde em geral são talhados para uma missão: tratar doentes. Quando percebemos que não estamos a desempenhá-la da forma que devíamos, ficamos muito frustrados. Percebemos que nessa altura havia um bem maior – salvar

vidas no combate à pandemia –, mas isso não impediu que não sentíssemos frustração e preocupação com as pessoas que iam ficando em segundo plano, muitas das quais sabíamos que a seguir iríamos encontrar pior», explica Edgar Almeida.

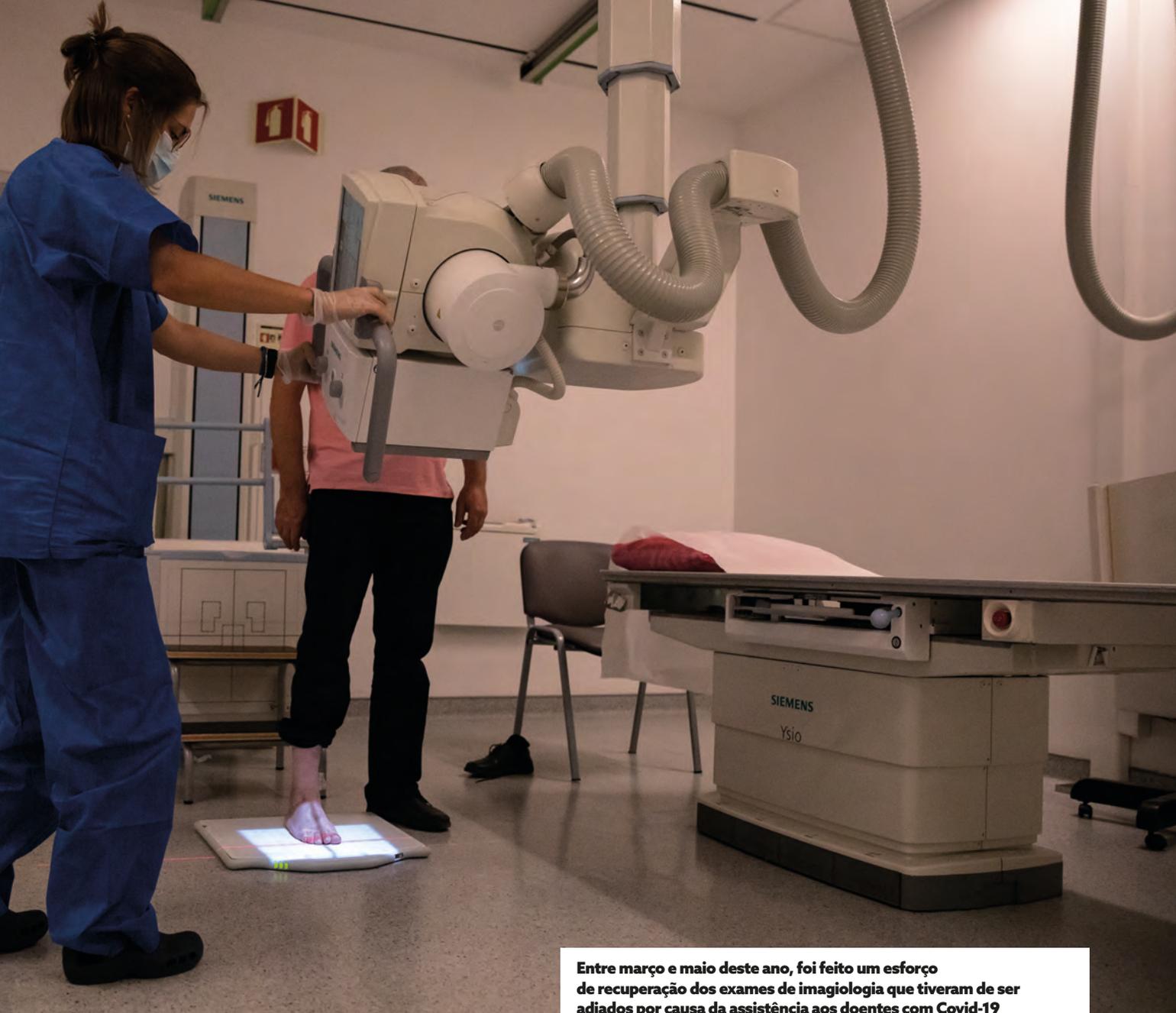
Por isso, logo que isso foi possível, todas as especialidades retomaram a sua atividade, com algumas delas a recorrerem também às consultas telefónicas, sempre que isso fosse adequado, e dependendo da situação dos doentes. «Estávamos todos ansiosos por regressar à atividade habitual. E acho que conseguimos, pois os números mostram que já regressámos aos níveis que tínhamos em 2019», adianta o diretor clínico do HBA.

De facto, o total de consultas (primeiras e subsequentes) realizadas entre março e maio de 2021 foi de 72.087 – um número equivalente ao registado no mesmo período de 2019 (71.895). Em relação a primeiras consultas (20.961 contra 23.362), ainda não houve uma



Logo que isso foi possível, todas as especialidades retomaram as consultas. Em alguns casos, dependendo da situação dos doentes, foram realizadas consultas telefónicas





Entre março e maio deste ano, foi feito um esforço de recuperação dos exames de imagiologia que tiveram de ser adiados por causa da assistência aos doentes com Covid-19





Mal a pandemia abrandou, em finais de março, reativaram-se as marcações para realização de exames de diagnóstico e terapêutica

recuperação total porque estas também estão dependentes do encaminhamento que é feito pelos médicos dos centros de saúde, «que têm estado assoberbados» (em primeiro lugar, com o rastreio e acompanhamento dos utentes doentes isolados em casa com Covid e, agora, com o processo de vacinação).

Em termos de cirurgias, e comparando o mesmo período de março a maio, a rapidez da recuperação também é evidente: foram realizadas este ano 3.546, apenas menos 500 do que em 2019 (o que tem que ver com o facto de ainda não ter sido possível recompor na totalidade as equipas de profissionais do Bloco Operatório). «Mas como os circuitos, protocolos e composição de equipas estavam já bem estabele-

cidos desde 2020, depois da primeira vaga, foi só preciso reativá-los quando a pandemia abrandou e nos deu oportunidade. Toda a gente sabia já o que fazer. Por isso, a resposta foi rápida, sustentada e otimizando todos os recursos do hospital», explica Rui Maio. Finalmente, a realização de exames de diagnóstico e terapêutica – nomeadamente, endoscopias e colonoscopias, muito importantes para o apoio a cirurgias oncológicas – está ainda em recuperação: entre março e maio deste ano, realizaram-se 1.759 exames deste tipo, contra os 2.017 de 2019.

VACINAÇÃO HOSPITALAR

De salientar ainda que o HBA, através do seu Serviço de Imunoalergologia, tem dado apoio aos Agrupamentos de

Centros de Saúde (ACES) na vacinação contra a Covid de utentes com elevado risco de reação alérgica potencialmente fatal e que por isso têm de ser vacinados em ambiente hospitalar.

Sendo um dos poucos serviços públicos especializados nesta área, o HBA tem dado formação a profissionais dos ACES para que estes façam uma adequada seleção das pessoas que de facto correm risco de desenvolver uma reação alérgica à vacina muito grave. A vacinação destas pessoas é depois feita no HBA, com uma equipa de emergência pronta a atuar. Isto tem acontecido não apenas em ralação a utentes de Loures e Odivelas, mas também de outros pontos do país, quando isso é solicitado e após autorização da ARSLVT.



Muda da Fralda



**Bio
• Compostáveis**

99% de água



**Cuidado
Diário**

Prevenção



**Assaduras
e eritema**

Reparador



NOVIDADE
Dispositivo Médico**

O Spray Muda da Fralda é um dispositivo médico. A informação neste suporte não dispensa a leitura atenta da rotulagem e do folheto informativo do produto antes da sua utilização. Em caso de dúvida ou persistência dos sintomas consulte o seu médico ou o farmacêutico.
Fabricante: FortUnique B.V. – Distribuidor: Laboratórios Expanscience
Data de criação deste material: julho 2021

Ao seu lado, desde 1950

É PRECISO VOLTAR A CUIDAR DA NOSSA SAÚDE!

«Vá ao médico! Faça os rastreios de vigilância da saúde. Não deixe nada para trás. E vacine-se contra a Covid-19». A mensagem de todos os especialistas do Hospital Beatriz Ângelo repete-se com o mesmo tom e intensidade. É que a pandemia suspendeu o tempo para os cuidados de saúde de que a população necessitava. E as doenças estão a aparecer mais graves e com piores prognósticos.



Entre março de 2020 e fevereiro de 2021, em comparação com o mesmo período do ano anterior, nos centros de saúde foram realizadas menos 9,3 milhões de consultas médicas presenciais, enquanto os hospitais viram reduzidas em 4,5 milhões as consultas, urgências, cirurgias e internamentos, revela um estudo divulgado recentemente.

Os números vão sendo conhecidos através de estudos, balanços, de estatísticas várias. E as notícias vão reproduzindo aquilo que dá para imaginar como um cenário alarmante, uma espécie de previsão do que será a próxima pandemia. A pandemia das outras doenças. Com o país quase sempre fechado em casa e o sistema de saúde ocupado com a Covid-19, durante meses as ordens vindas dos responsáveis do Ministério da Saúde foram para adiar consultas e cirurgias não urgentes, enquanto o medo da nova doença afastava as populações dos serviços de saúde. O efeito de tudo isto começa agora a fazer-se sentir.

No final de junho, foram divulgados os números mais recentes: entre março de 2020 e fevereiro de 2021, em comparação com o mesmo período do ano anterior, nos centros de saúde foram realizadas menos 9,3 milhões de consultas médicas presenciais e menos 83 mil consultas ao domicílio, enquanto os hospitais viram reduzidas em 4,5 milhões as consultas, urgências, cirurgias e internamentos. Uma redução de 46% nas consultas médicas presenciais nos centros de saúde, de 40% nas urgências hospitalares e de 25% nas cirurgias é o resultado do primeiro ano de pandemia nos cuidados de saúde, segundo o estudo «O impacto da pandemia covid-19 na prestação dos cui-

dados de saúde em Portugal», promovido pelo Movimento Saúde em Dia e realizado pela consultora MOAI, com dados do Portal da Transparência do Serviço Nacional de Saúde (SNS).

No dia-a-dia da vida do Hospital Beatriz Ângelo, nada disto é verdadeiramente uma novidade. Rastreios ao cancro interrompidos, uma redução brutal nos novos diagnósticos e muita gente a chegar ao hospital para ser vista pela primeira vez já com doença avançada - este começa a ser um cenário tragicamente real e rotineiro. A que é preciso dar rapidamente a volta.

APROVEITAR TODOS OS RECURSOS

«Estamos a tentar regressar à normalidade». É assim, com a confiança possível que o momento permite, que a gastroenterologista Luísa Glória, diretora do serviço no HBA, introduz o tema.

«Quando fomos obrigados a parar a nossa atividade, porque todo o espaço existente foi literalmente ocupado com camas para doentes covid, decidimos manter o seguimento dos nossos doentes através de consultas telefónicas. E conseguimos ainda reservar duas salas de exames, uma para atividade eletiva e outra para urgências». Na prática, explica a médica, foi possível continuar a fazer os exames aos doentes que já eram seguidos pela sua equipa e ainda receber aqueles que, perante sintomas mais acentuados, foram parar à urgência do Hospital.

«Foi importante termos conseguido manter esta atividade: o número de consul-



Rastreios ao cancro interrompidos, uma redução brutal nos novos diagnósticos e muita gente a chegar ao hospital com doença avançada - este começa a ser um cenário tragicamente real e rotineiro



‘Temos todas as condições de segurança aqui no Hospital. Não há razão para esconder sintomas, nem para ter medo de vir ao médico. Neste momento, já estamos a fazer exames todos os dias e a responder aos pedidos de consultas com muito maior rapidez’, diz a diretora da gastroenterologia, Luisa Glória

tas em 2020, considerando as que foram feitas através de contacto telefónico, foi praticamente igual ao do ano anterior. E, em relação aos exames, só reduzimos em um terço em 2020, relativamente ao total de 2019», adianta.

O problema é que, com os centros de saúde fechados e dedicados exclusivamente à pandemia, «os médicos de família deixaram de fazer os rastreios, por exemplo, do cancro do colon e reto, os novos diagnósticos em pessoas assintomáticas praticamente desapareceram e as primeiras consultas sofreram uma redução muito substancial», diz Luisa Glória. E, apesar de estar quase retomada a normalidade, é a própria médica que realça o facto de «as

pessoas continuarem a demonstrar muito receio em vir ao hospital: ainda agora. Só vêm quando já não aguentam as dores abdominais, com febres altas, a sangrar... Ou seja, com a sua doença crónica descontrolada ou com uma patologia oncológica em fase mais avançada».

O momento agora é de aproveitar todos os recursos para não perder de vez os ganhos em saúde conseguidos até à pandemia junto desta população servida pelo HBA. «Temos todas as condições de segurança e proteção para receber os nossos doentes aqui no Hospital. Não há razão para esconder sintomas, nem para ter medo de vir ao médico. Neste momento, já estamos a fazer exames todos os dias

e a responder aos pedidos de consultas com muito maior rapidez», diz a diretora da gastroenterologia. E, se houve atrasos, «eles vão acabar por diluir-se no tempo», conclui, confiante.

RASTREIO DO CANCRO DA MAMA AVANÇA

«Boas notícias!», começa por declarar José Luis Passos Coelho, diretor da oncologia médica do Hospital Beatriz Ângelo: A Liga Portuguesa Contra o Cancro, explica, «já iniciou o rastreio do cancro da mama, e começou precisamente aqui pela área de influência do HBA».

E por que razão essa é uma boa notícia? «Os rastreios oncológicos estiveram pa-

A Liga Portuguesa Contra o Cancro já iniciou o rastreio nacional do cancro da mama e começou precisamente pela área de influência do Hospital Beatriz Ângelo. As situações que forem detetadas neste rastreio serão referenciadas imediatamente para o Hospital, que mantém a capacidade de dar resposta médica e cirúrgica muito rapidamente.

rados. E é excelente saber que estamos a voltar a rastrear e a fazer a vigilância da população, relativamente a uma doença que poderá ser mais grave quanto mais tardio for o diagnóstico», diz, acrescentando: «As situações que forem detetadas neste rastreio serão referenciadas imediatamente aqui para o HBA e a nossa resposta mantém-se rápida e eficaz. Em poucos dias, conseguimos fazer a consulta, os exames de diagnóstico e a reunião multidisciplinar para decisão terapêutica», explica o oncologista.

É verdade que o serviço de oncologia nunca parou no HBA. Como explica o seu diretor, «fizemos mais consultas e tratamentos oncológicos em 2020 do que em 2019. Não houve sequer redução no número de cirurgias oncológicas. Mas tivemos muito menos novos doentes, ou seja, o número de novos diagnósticos reduziu substancialmente, quando seria de esperar ter o mesmo ou até um número superior ao do ano anterior».

É como se o tempo tivesse parado, diz. E isso está a ter consequências: «Este ano já estamos a ver um número considerável de doentes com queixas há muito tempo, que demoraram meses a procurar cuidados de saúde e em situação clínica muito mais grave. Não temos ainda isso quantificado, mas notamos claramente essa tendência no nosso dia-a-dia». E já é cer-

to, adianta o médico, que, tendo os números globais da mortalidade aumentado em 2020, «esse aumento não se deve apenas à Covid-19, mas está também associado a outras doenças não identificadas, refletindo a não prestação de cuidados a tempo e horas».

Agora, é fundamental que as pessoas voltem a cuidar de si próprias, a estar com mais atenção à sua saúde. E não apenas à Covid-19. «É preciso retomar todos os rastreios oncológicos, especialmente os que são feitos pelos médicos de família. Por enquanto, estamos ainda a apanhar as peças... Mas no HBA, temos circuitos facilitados, somos rápidos a responder aos pedidos vindos dos centros de saúde, do ponto de vista médico e cirúrgico. E isso é seguramente uma mais-valia para os doentes desta região», conclui José Luis Passos Coelho.

A 'SEGUNDA ONDA'

A história repete-se um pouco por todo o lado. «Ainda hoje vi na urgência uma senhora muito pálida, que tinha sido trazida pelos bombeiros. Está com hemorragias há meses, a perder sangue há muito tempo, e não foi ao médico. Ou não conseguiu marcar consulta... Agora, tem uma anemia grave. É este o reflexo do que aconteceu durante a pandemia». Carlos Veríssimo, diretor da ginecologia-obstetrícia do Hos-



'Este ano já estamos a ver um número considerável de doentes com queixas, que demoraram meses a procurar ajuda e em situação clínica mais grave. Não temos ainda isso quantificado, mas notamos claramente essa tendência no nosso dia-a-dia', afirma José Luis Passos Coelho, diretor da oncologia médica do HBA

pital Beatriz Ângelo é o mais pessimista. «Estamos a fazer tudo para recuperar o que ficou por fazer. Mas só daqui a uns 6 a 8 meses é que poderemos dizer que voltámos a fazer o que fazíamos...»

Tal como outras áreas do hospital, esta foi profundamente afetada pela onda covid que invadiu o HBA, sobretudo entre setembro de 2020 e março deste ano. A cirurgia oncológica da mama e da patolo-



gia ginecológica nunca parou. Mas tudo o resto ficou em suspenso: o acompanhamento das doenças uroginecológicas, como a incontinência e o prolapso genital; o tratamento da endometriose, das hemorragias uterinas anómalas, dos tumores benignos – tudo patologias com grande impacto na atividade da equipa de Carlos Verissimo e que agora «estão a voltar mais agravadas, mais difíceis de

tratar e envolvendo maior risco cirúrgico». A «segunda onda», como lhe chama o médico, junta todas estas doentes, que deixaram de ter a sua doença acompanhada, àquelas que «não estão sintomáticas, mas que, por terem sido interrompidos todos os rastreios, não foram ainda diagnosticadas. E hão de chegar a nós...» Apesar de ter sido necessário parar uma parte substancial da atividade, a equipa de

ginecologia-obstetrícia do HBA organizou-se para manter, dentro do possível, a melhor vigilância das suas doentes. «O que é preciso é voltar a abrir os canais de acesso das pessoas aos cuidados de saúde. Nós fizemos isso durante toda a pandemia, através das consultas telefónicas: pedimos às pessoas para virem à nossa consulta, fizemos aqui no hospital os rastreios de vigilância do cancro do colo do



«O que é preciso é voltar a abrir os canais de acesso das pessoas aos cuidados de saúde. Nós fizemos isso durante toda a pandemia, através das consultas telefónicas em que pedimos às pessoas para virem à consulta e fizemos aqui no hospital os rastreios ao cancro do colo do útero e da mama», conta Carlos Verissimo, diretor da ginecologia-obstetrícia

útero e do cancro da mama e mantivemos sempre os tratamentos da patologia mais grave, que inevitavelmente foi surgindo». Foi o possível dentro das condicionantes do momento, acrescenta o médico. Que faz questão de deixar escritas duas mensagens: «A primeira é 'Vá ao médico! Procure o seu médico de família, o seu médico assistente. Faça os rastreios de vigilância da saúde. Não deixe nada para trás». Já a segunda, é curta e direta: «Vacine-se contra a Covid-19!»

Voltamos ao estudo recentemente divulgado sobre o que ficou por fazer nos hospitais e centros de saúde do Serviço Nacional de Saúde. Porque é isto que ditará

a dimensão da 'segunda onda' a que se refere Carlos Verissimo.

Entre março de 2020 e fevereiro de 2021, os médicos de família seguiram quase 96% dos doentes com Covid-19, além de terem sido requisitados para os lares e para uma série de outras tarefas relacionadas com esta doença, como o apoio à vacinação. Ficaram assim impedidos de realizar as suas 'funções normais', situação agravada pelo facto, indica o mesmo estudo, de ter crescido o número de portugueses sem médico de família, que já são um milhão e 50 mil em todo o país.

Na referenciação das consultas para os hospitais, verificou-se uma redução de

20% nas primeiras consultas de especialidade hospitalar (menos 700 mil). Por outro lado, realizaram-se menos 176 mil cirurgias e houve menos 2,5 milhões de idas às urgências.

O estudo também indica que muitas patologias foram afetadas pela pressão exercida pela pandemia no sistema de saúde, como é o caso da diabetes, cuja prevalência em Portugal é enorme e na qual o controlo e prevenção de efeitos secundários da doença é fundamental. O problema é que o número de doentes com exame do pé diabético realizado caiu 19% e com exame oftalmológico da retinopatia diabética, 28%.

NUTRICIA Fortimel®

Júlio Isídoro

75 Anos

**Recuperado de
Covid-19**

Fortimel foi-lhe recomendado pelo seu médico para a gestão nutricional da malnutrição associada à doença.

Fortimel não se destina ao tratamento da Covid-19.¹



Suplemento
Nutricional
Oral para a
Malnutrição

Dá mais sabor à vida

Linha Verde: 800 206 799 www.nutricia.pt

Alimento para fins medicinais específicos para a gestão nutricional da malnutrição associada a doença. Deve ser consumido sob supervisão médica. Exclusivamente para uso entérico. Não adequado para utilização por via parentérica.
1 - A Covid-19 pode ter impacto no estado nutricional dos doentes e um suplemento nutricional oral poderá promover o suporte nutricional adequado na recuperação da Covid-19. Barazzoni R, et al. Clin Nutr. 2020 Jun; 39(6): 1631-1638.

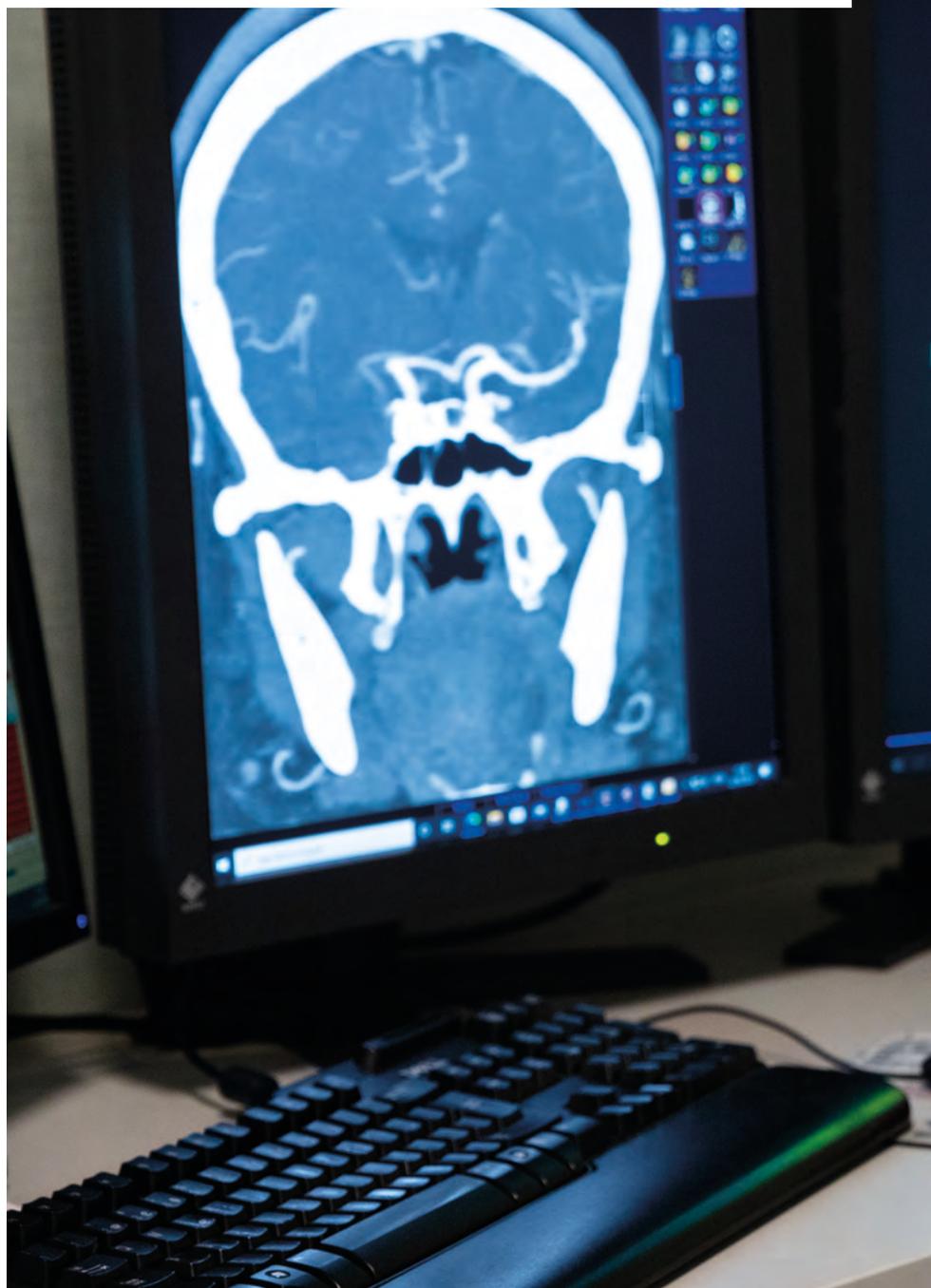
NUTRICIA
LIFE-TRANSFORMING NUTRITION

A CORRIDA PARA SALVAR O CÉREBRO

A rapidez da assistência num acidente vascular cerebral (AVC) é decisiva. Saiba como as equipas do HBA atuam e conheça os sintomas daquela que é uma das principais causas de dependência e morte.

Sentado no cadeirão do quarto, Teodorico Soares, 70 anos, antigo combatente do Exército português na guerra colonial em Moçambique (em Mueda, Cabo Delgado), está animado perante mais esta batalha na sua vida: «Já consigo andar, mas mal. Açam que vou conseguir recuperar». Mecânico de profissão, reformado, estava na última semana de junho internado no Hospital Beatriz Ângelo (HBA), na sequência de um acidente vascular cerebral (AVC). Lembra-se que foi para aqui transportado por uma ambulância do INEM, desde a sua casa, em Odivelas, onde acordara de manhã cedo «com um zumbido nos ouvidos» e «muitos desequilíbrios» que o impediam de levantar-se.

Tinha feito anteriormente uma cirurgia oftalmológica, da qual ainda tem algumas marcas no rosto, mas este seu internamento não teve nada que ver com isso. Quando a sua família telefonou para o INEM (112), perante os sintomas relatados, este ativou de imediato a Via Verde AVC, um





Pedro Vilela, diretor de Neurorradiologia, avalia as imagens de uma TAC realizada a um doente que acabou de sofrer um AVC



protocolo de organização da emergência médica que determina que, nestes casos, os doentes seguem o mais rápido possível para o hospital mais próximo com capacidade para fazer os exames e tratamentos adequados. Uma vez confirmado o AVC isquémico, o utente foi internado no Serviço de Neurologia. Enquanto realizava exames para se perceber as causas do que lhe acontecera, iniciou de imediato um programa de reabilitação para minimizar o impacto das sequelas com que ficou e também para prevenir futuros AVC.

'TEMPO É CÉREBRO'

Um AVC ocorre quando há uma rutura numa artéria intracraniana (AVC hemorrágico) ou então uma obstrução na circulação sanguínea no cérebro (devido a um coágulo, por exemplo, tendo neste caso a designação de AVC isquémico). Quando isso se verifica, a circulação de sangue diminui muito ou é interrompida, o que afeta a normal atividade do cérebro e, logo, as diversas funções que este tem, de 'co-

Em média, o HBA recebe todos os anos cerca de 300 casos em que é ativada a Via Verde AVC. Mas muitos doentes continuam a não vir pelo INEM, como deviam.

mando' do organismo. Com um problema adicional: neste processo, há células do cérebro que morrem e são irre recuperáveis. Os médicos costumam dizer, por isso, que 'tempo é cérebro', precisamente para frisar como é decisiva a rapidez da assistência num AVC, uma das principais causas de dependência e de morte. Estima-se que ocorram 25 mil novos AVC por ano em Portugal, o que se traduz em, aproximadamente, 70 novos casos por dia. Desses 25 mil casos, 10% virão a falecer e 35% ficarão dependentes de terceiros para as suas atividades básicas diárias: comer, vestir-se ou tomar banho.

Em média, o HBA recebe todos os anos cerca de 300 casos em que é ativada a Via Verde AVC. Mas muitos doentes continuam a chegar ao Hospital transportados por familiares ou conhecidos, em vez de virem pelo INEM e, por isso, sem que a Via Verde AVC seja ativada.

«Sobretudo acima dos 60 anos, as pessoas devem estar muito alerta em relação aos sinais e aos sintomas do que pode ser um AVC. São os chamados 3 F: dificuldade em falar, falta de força num braço ou perna e a face descaída. Têm de chamar logo o 112. E não podem ter receio: com a



Os utentes com sintomas de AVC são prioritários e tudo decorre muito rapidamente. Quando chegam à Urgência, começam por ser avaliados por um enfermeiro e um médico de Medicina Interna ou de Neurologia. Depois, são levados para fazer a TAC à cabeça, para se avaliar a extensão do AVC no cérebro

Covid-19, tivemos de concentrar esforços no combate à pandemia, mas nunca faltou uma cama a doentes urgentes como os do AVC», salienta Sofia Corredoura, diretora do Serviço de Urgência Geral do HBA. E lembra que, para prevenir os acidentes vasculares cerebrais, é importante que as pessoas tenham sob controlo certos fatores que aumentam a probabilidade de virem a ter um AVC, como tensão arterial e glicémia elevados, excesso de peso, álcool e tabagismo.

Seja através da Via Verde AVC, seja pela entrada normal de acesso à Urgência do HBA, todos os utentes com sintomas começam por ser avaliados por uma equipa composta por enfermeiro e médico de Medicina Interna ou de Neurologia. Após um rápido questionário em que se procura saber há quanto tempo têm aqueles sintomas – que é respondido pelo próprio doente, se estiver em condições de fazê-lo, ou então por quem o acompanha –, fazem um eletrocardiograma e análises ao sangue. De seguida, são rapidamente le-

vados para a sala de exames de imagiologia, onde fazem uma TAC à cabeça. Aqui, um médico neurorradiologista analisa as imagens – que mostra as zonas do cérebro que foram afetadas pelo acidente vascular cerebral –, avalia o tipo de AVC e se o doente ainda vai a tempo de fazer as terapêuticas previstas para estancar os efeitos.

TRATAMENTOS POSSÍVEIS

Os doentes com AVC isquémico (obstrução na circulação sanguínea), se não tiverem sintomas há mais de 4h30, podem ser submetidos a trombólise, que consiste na administração intravenosa de um medicamento que irá dissolver o coágulo que está a obstruir a circulação. Este tratamento só é eficaz nesse período de 4h30 – caso contrário, pode até ser perigoso, por ser suscetível de causar hemorragias.

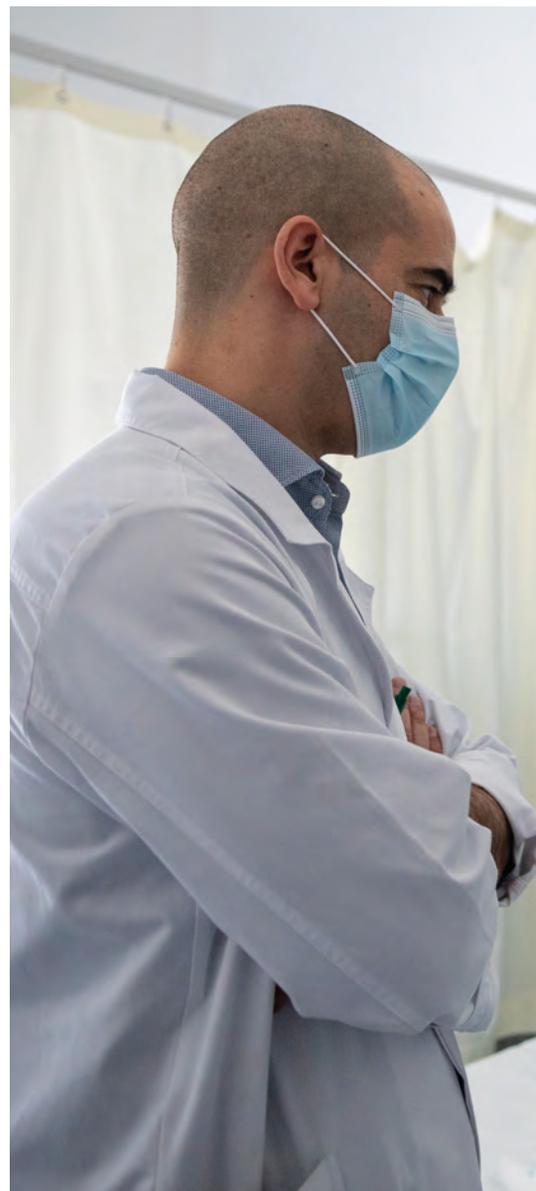
Em certos casos, quando a obstrução da artéria é muito grande e se for considerado que haverá benefícios para o doente, pode ser tentada outra forma de tratamento até 24 horas após o início dos sintomas

DA ENTRADA ATÉ À TAC: 24 MINUTOS

O funcionamento da Via Verde AVC foi recentemente sujeito a uma avaliação da equipa de Engenharia de Fatores Humanos da Luz Saúde, entre 26 de novembro de 2019 e 6 de março de 2020.

“Analisámos a chegada de 25 doentes com suspeita de AVC, ao serviço de Urgência Geral, dando especial atenção ao circuito percorrido, procedimentos realizados e comunicação e colaboração entre as várias equipas e profissionais envolvidos (triagem, medicina, neurologia, neurorradiologia)”, explica Raquel Santos, da Direção de Organização e Processos da Luz Saúde.

“O tempo médio Porta-TAC” – ou seja, o tempo que medeia a entrada de um doente na Urgência e a realização do exame de neuroimagem – “foi de cerca de 24 minutos”, cumprindo o que estipulavam as orientações internacionais.



O AVC

Principais fatores de risco:

- Hipertensão arterial;
- Tabagismo;
- Diabetes;
- Colesterol elevado;
- Excesso de peso;
- Sedentarismo
- Consumo excessivo de bebidas alcoólicas;
- Arritmia cardíaca;
- Apneia do sono.

Estes fatores de risco podem ser corrigidos com mudanças de hábitos de vida e medicamentos. Deve-se adotar estilos de vida saudáveis como forma de prevenção – nomeadamente, exercício físico regular, deixar de fumar e de beber álcool, ter uma alimentação equilibrada e saudável.

Sinais mais frequentes (3 F)

- Assimetria na **face** (boca ao lado);
- Dificuldade em **falar**;
- Falta de **força** num braço.

O que fazer

Ligar 112, que ativa a Via Verde do AVC. O que não se deve fazer é ficar à espera que os sintomas passem ou chamar o médico a casa.



ASSISTA AO VÍDEO

<https://www.youtube.com/watch?v=NzFv5jB5cM4>

do AVC: a trombectomia, que consiste na tentativa de remoção do coágulo com um cateter, por dentro dos vasos sanguíneos, até ao cérebro. Estes casos têm de ser encaminhados, porém, para um dos quatro hospitais da área metropolitana de Lisboa com unidades de AVC com capacidade para fazerem esse procedimento: São José, Santa Maria, Egas Moniz e Garcia de Orta, que dispõem de uma sala de angiografia e compõem a Urgência Metropolitana de Lisboa Neurovascular. «Por isso, quanto mais rápida for a assistência, melhor. Apesar de se poder tratar

até às 24h, queremos tratar ao fim de 30 minutos, se possível, e não às 24h», salienta Pedro Vilela, diretor de Neurorradiologia do HBA. «Quando o AVC acontece, o sangue continua a circular por vias alternativas, permitindo que o cérebro se mantenha vivo durante alguns minutos, mas a partir daí inicia-se um processo em que começa a morrer, desde o centro para a periferia. Temos de tirar o trombo (a obstrução) para se restabelecer a circulação sanguínea, porque, quanto mais tempo passa, mais essa área central aumenta. Daí a necessidade de rapidez. Além disso,

este processo progressivo de morte das células não acontece da mesma forma em todos os doentes», acrescenta.

AS SEQUELAS

Dos dois tipos de AVC, o isquémico – como o que aconteceu a Teodorico Santos – é o que tem uma taxa de mortalidade menor, sendo o AVC hemorrágico mais fatal: cerca de metade dos doentes não sobrevivem ao fim de 30 dias. Mas, seja qual for o tipo de AVC, o facto é que este tem sempre como causa uma doença do coração ou dos vasos sanguíneos que vão para o cérebro. E



O médico neurologista Nuno Inácio visita Teodorico Santos, que estava internado há cinco dias na sequência de um AVC isquêmico

quanto maior for a idade, maior é o risco: a maioria dos AVC ocorre em doentes com idades entre os 60 e 85 anos.

«É muito pouco frequente um AVC não provocar nenhuma sequela. As sequelas podem ser mais visíveis ou menos visíveis: limitações na fala e na mobilidade, por exemplo, ou então na capacidade de cálculo e raciocínio. Do ponto de vista clínico, alguns doentes recuperam totalmente, mas ficam lá com uma pequena 'cicatriz' no cérebro. O que queremos mesmo evitar é a oclusão de grandes vasos, que fazem com que as pessoas fiquem sem

autonomia, com um grau de dependência muito grande ou mesmo acamados», conclui Pedro Vilela.

«A grande vantagem é que o HBA tem desde o início métodos de imagem – nomeadamente, a TAC de perfusão – que ajudam a selecionar os doentes e dão-nos uma segurança maior no diagnóstico», afirma Nuno Inácio, médico neurologista. «O AVC é uma emergência. Se não for diagnosticado de forma correta, ou então se não foi ativada a Via Verde, isso condiciona sempre os resultados da terapêutica», acrescenta.

Após a rapidez da Via Verde, os doentes do AVC têm pela frente um longo e demorado percurso. Ao fim de 24 horas de terem entrado na Urgência e quando estão já estabilizados, são internados no Serviço de Neurologia, onde ficam entre 10 a 15 dias, em média: «Aqui, realizam exames para se estudar por que tiveram o AVC, bem como avaliar as sequelas, iniciar a reabilitação possível e estabelecer o que fazer para prevenir futuros AVC. O objetivo já não é tratar o que aconteceu, mas diminuir o risco de que venha a repetir-se», explica o neurologista Nuno Inácio.

DE GUARDA AOS OBJETOS PESSOAIS DOS DOENTES

A Central de Bens e Espólios do Hospital Beatriz Ângelo é um dos serviços mais discretos no apoio aos doentes internados.

E, no entanto, para cada um desses doentes é tão importante...

Para onde vão os objetos pessoais dos doentes internados no Hospital?

A Sara, a Liliana e a Nádía respondem.

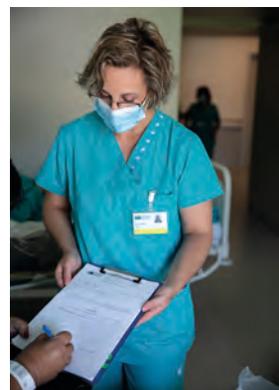
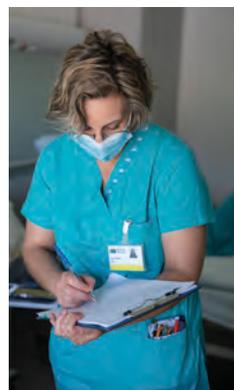
Não consegui deixar de me preocupar com ele e tentar ajudá-lo». Sara Ribeiro, auxiliar de ação médica da Central de Bens e Espólios do HBA, conta como recebeu em tempos o espólio de um jovem doente na urgência do hospital. «Ele estava triste e eu, como mãe, não consigo ignorar estas situações.» Receber dos doentes os seus bens mais pessoais em situações em que se sentem tão fragilizados exige mais do que se imagina. E devolver estes bens a quem eles pertencem é sempre um momento especial. Pela melhor razão de todas – quando os doentes já estão para vol-

tar para casa. Ou pela pior – se é preciso devolvê-los às famílias angustiadas. «Isto deixa-nos a pensar no que foi o nosso dia de trabalho mesmo quando vamos para casa», confessa Sara.

Criada em 2018, a Central de Bens e Espólios guarda e devolve os bens dos doentes que têm de ser internados no HBA, para que nada se perca, extravie ou seja furtado, durante a sua estadia hospitalar.

«Vamos ter de contar tudo o que está neste envelope», explica a Sara a uma doente prestes a ter alta. Depois conta: “As pessoas entregam-nos às vezes bens muito importantes, com instruções específicas de

quem pode levantá-los ou não. E tem que ficar tudo escrito pois é sempre a vontade do doente que conta, mesmo que a família não o considere justo.» A devolução dos bens e vestuário é feita de forma minuciosa e atenta, com o apoio de uma checklist feita no momento da recolha. Nada fica por confirmar, até ao último cêntimo. Este serviço é gerido pela Gestão Hoteleira do HBA e constituído por três auxiliares de ação médica. Sara Ribeiro, Nádía Antunes e Liliana Borges fazem parte desta equipa que garante a atividade da Central. A parte mais difícil do seu trabalho é sem dúvida, confessam todas, «o contacto com os fa-



A Central de Bens e Espólios do HBA é gerida pela Gestão Hoteleira do HBA e constituída por três auxiliares de ação médica: Sara Ribeiro, Nádía Antunes e Liliana Borges.

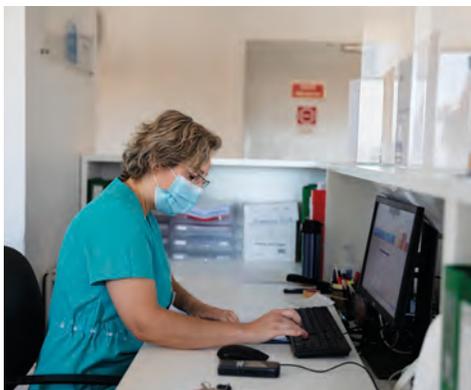


Criada em 2018, a Central de Bens e Espólios guarda e devolve os bens dos doentes que têm de ser internados no HBA, para que nada se perca, extravie ou seja furtado, durante a sua estadia hospitalar

miliares dos doentes que vêm levantar os espólios, às vezes muito fragilizados devido à doença ou morte de alguém querido». As salas da Central parecem já ter atingido o seu limite: «Temos aqui muitas coisas que as pessoas deixam, que não vêm levantar, e nós temos que as guardar durante muito tempo até podermos fazer o respetivo abate», explicam.

Também para este serviço o atual contexto pandémico trouxe novos e difíceis desafios, não só práticos - «tivemos de passar a colocar os espólios dos doentes covid em sacos duplos» -, como de comunicação com os familiares, que «durante a pandemia tem sido muito pesada», explica Liliana. Criada com o objetivo de uniformizar e padronizar o procedimento de realização, guarda e

devolução de valores ou vestuário dos utentes, a Central de Bens e Espólios do HBA entra em ação apenas quando os doentes não podem ou não conseguem guardar e tomar conta dos seus próprios pertences. Os números deste serviço já impressionam: desde 2018, já foram registados e guardados 10.171 espólios (o conjunto de bens de um doente) e devolvidos 8.256.



Os números deste serviço já impressionam: desde 2018, já foram registados e guardados 10.171 espólios (o conjunto de bens de um doente) e devolvidos 8.256

AJUDAR A CRESCER DURANTE A PANDEMIA

A Associação Angelitos, que apoia crianças e pais do Hospital Beatriz Ângelo, manteve a sua atividade mesmo durante a pandemia. Os contributos de instituições e empresas como a FLAD, a Fundação Santander e a Associação Portuguesa de Bancos foram essenciais durante todo este período.

Angelitos é uma associação sem fins lucrativos criada em maio de 2017, com o objetivo de promover o bem-estar das crianças e dos seus familiares durante a prestação dos cuidados de saúde hospitalares, ao mesmo tempo que pretende proporcionar aos profissionais do depar-

tamento de Pediatria do Hospital Beatriz Ângelo (HBA) condições de formação e melhoria contínua da sua prática clínica. Esta associação tem como sócios os profissionais de saúde que trabalham neste departamento e tem contado com o apoio de inúmeras instituições e empresas, sem as quais seria bem mais difícil chegar à ex-

celência que procuramos todos os dias. E nem a pandemia da Covid-19 fez a Angelitos abrandar: a atividade da associação manteve-se em alta e os apoios que lhe foram dados também não desaceleraram. É fácil perceber, por exemplo, como os intercomunicadores doados pela Chicco foram tão importantes nesta fase, permitindo aos profissionais estarem mais perto dos doentes quando a doença obrigava a que se afastassem.

Foram muitas as empresas que contribuíram durante este período difícil para a atividade da Associação Angelitos através de donativos, o que foi permitindo manter o objetivo da melhoria contínua das instalações hospitalares que acolhem crianças, pais e familiares. As ofertas, para a sala dos pais das crianças internadas, de televisão, frigorífico, máquina de café e micro-ondas, e a instalação de televisores em todos os postos de observação de crianças na urgência são um excelente exemplo destes contributos. Paulo Oom, diretor do departamento de pediatria do HBA, explica que «promover a literacia em saúde das crianças, adolescentes e suas famílias, como ferramenta estratégica fundamental para a promoção da saúde e evicção da doença, é uma das atribuições que esta associação assume, mas não é a sua única missão».

A importância da humanização do espaço



A Fundação Luso-Americana Para o Desenvolvimento (FLAD) ofereceu à associação Angelitos um manequim de simulação pediátrico, que permite fazer formação e treino sem risco para o doente, proporcionando um ambiente de simulação altamente realista



Não só o departamento de pediatria do HBA beneficiou do apoio de instituições e empresas. A pandemia da Covid-19 que ainda atravessamos colocou-nos em situações que não esperávamos viver, as quais, sem o apoio incondicional da comunidade e destas empresas, teriam sido muito mais difíceis de ultrapassar. Estes são alguns dos equipamentos oferecidos ao Hospital durante este período



hospitalar onde crianças e familiares são recebidos, tratados e acompanhados também tem sido prioridade da Angelitos. E o melhor exemplo disto mesmo talvez seja a pintura de cerca de 16 paredes do serviço de urgência pediátrica do HBA, trabalho realizado pela artista Anabela Mota, que o apoio do Banco Santander à associação Angelitos tornou possível. Não são poucos os elogios que esta iniciativa tem recebido por parte de profissionais, pais e crianças que visitam este espaço.

No destaque dos apoios recebidos pela associação Paulo Oom sublinha «a aquisição para a Unidade de Neonatologia de

um monitor do grau de conforto e avaliação da dor em recém-nascidos, cortesia da GelPeixe». Este monitor tem uma tecnologia que permite a monitorização contínua do grau de conforto/desconforto de recém-nascidos e prematuros, permitindo antecipar e tratar precocemente todas as situações capazes de provocar dor ou desconforto a estes pequenos doentes. «Torna-se assim mais fácil para os profissionais de saúde interpretar e valorizar as manifestações da dor nos recém-nascidos, especialmente nos prematuros, normalmente tão difíceis de identificar», explica o pediatra.

A educação e formação profissional dos cidadãos através da realização de cursos, a título gratuito, para pais, mães e grávidas é outra das missões da Angelitos. As ações de formação para pais “Mês da higienização oral”, as “Conversas com pais sobre neurodesenvolvimento infantil” ou as comemorações do Dia Mundial da Diabetes foram exemplos de sucesso do trabalho da associação.

«Promover a valorização profissional e a qualificação científica dos profissionais de saúde afetos ao departamento de pediatria do Hospital Beatriz Ângelo, através de atividades como a organização de reuniões,

A Fundação Banco Santander, Ming C Hsu e a Associação Portuguesa de Bancos, entre outros, fizeram doações de equipamento ao Hospital Beatriz Ângelo, como ventiladores e material de apoio aos cuidados intensivos, que foi sobretudo utilizado pelas equipas da linha da frente, no tratamento direto dos doentes com Covid-19.



edição de publicações, apoio a projetos de investigação, concessão de prémios, bolsas de estudo ou outros incentivos» é também atribuição da associação. Como exemplo disto mesmo, Paulo Oom refere o apoio da Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento (FLAD), na aquisição de um manequim de simulação pediátrico. «Na formação dos profissionais de saúde, a manutenção e aumento de competências são um processo contínuo. Sem dúvida que a tecnologia é a grande aliada da ciência e da medicina e não é de hoje que os grandes avanços salvam ou oferecem uma melhor qualidade de vida a muitas pessoas», explica.

A utilização deste simulador veio permitir uma aprendizagem mais eficaz, por permitir o erro sem risco para o doente, propor-

cionando um ambiente de simulação altamente realista no treino e formação da estabilização da criança gravemente doente. Ainda no âmbito desta missão, a Angelitots tem permitido aos internos de pediatria a participação em ações de formação através de um protocolo com o laboratório Pfizer, que criou as bolsas de formação Pfizer-Angelitots para este efeito.

UM APOIO ESPECIAL DO SANTANDER

Não só o departamento de pediatria tem beneficiado do apoio de instituições e empresas.

A pandemia da Covid-19 que ainda atravessamos colocou-nos em situações que não esperávamos viver, as quais, sem o

apoio incondicional da comunidade e destas empresas, teriam sido muito mais difíceis de ultrapassar.

Exemplo máximo disto mesmo foi o equipamento doado ao HBA pela Fundação Banco Santander, crucial no combate diário à doença que tomou conta de 80% da nossa capacidade e recursos humanos e físicos no início de 2021, durante a pior vaga da Covid-19 em Portugal.

Ming C Hsu e a Associação Portuguesa de Bancos também nos ajudaram quando mais precisámos. O equipamento que nos foi doado, como ventiladores e material de apoio aos cuidados intensivos, foi sobretudo utilizado pelas equipas da linha da frente, no tratamento direto dos doentes com Covid-19.

COM MAIS COMPONENTES IDÊNTICOS AOS ENCONTRADOS NO LEITE MATERNO⁴



A NOSSA GAMA MAIS AVANÇADA

27X MAIS OLIGOSSACÁRIDOS DO QUE O PRINCIPAL CONCORRENTE*



Principal concorrente*

Imagem Ilustrativa

AJUDA O SISTEMA IMUNITÁRIO DO BEBÉ⁵

Nota importante: o leite materno é a nutrição ideal para o bebé. Consulte sempre o profissional de saúde sobre a melhor nutrição do bebé. Aptamil® Profutura® 2, Leite de Transição, é adequado para bebés com mais de 6 meses: não deve ser usado como substituto do leite materno até então. **Imagem Ilustrativa.** Os vários elementos das gotas não estão representados de forma proporcional. As camadas brancas representam os nutrientes obrigatórios por lei, em leites de transição. As gotas indicam os tipos de oligossacáridos adicionados aos leites de transição. *Dados Nielsen & HMR total de mercado, fevereiro de 2021. Aptamil® Profutura® 2 tem pelo menos 30% mais oligossacáridos do que a média de mercado dos Leites de Transição etapa 2, e pelo menos 27 vezes mais oligossacáridos que o produto homólogo do principal concorrente de mercado (estudo comparativo de rótulos de Leites de Transição etapa 2, por 100 ml de produto, disponíveis em Portugal, em fevereiro de 2021). 1. Galacto-oligosacáridos e Fruto-oligosacáridos. 2. 3' GL HMO (3' - Galactosil-lactose Oligossacárido de estrutura idêntica à encontrada no leite materno) - tem origem no nosso processo único. 3. 2' FL HMO - 2' - fucosil-lactose Oligossacárido de estrutura idêntica à encontrada no leite materno). 4. Aptamil® Profutura® 2 tem mais componentes encontrados no leite materno do que Aptamil® Pronutra® Advance 2, por 100 ml de produto preparado. Alguns nutrientes naturalmente encontrados no leite materno: Omega 3 & 6, beta-palmitato, vitaminas C e D. Contém 3' GL HMO - tem origem no nosso processo único e 2' FL HMO. 5. Contém vitamina D que contribui para o funcionamento normal do sistema imunitário de lactentes e crianças.

DISPONÍVEL EXCLUSIVAMENTE EM FARMÁCIAS



BEATRIZ



MARATONISTA CORRE 12 HORAS EM HOMENAGEM AOS PROFISSIONAIS DO HBA



Rui Martins fez 118 km em 12 horas, numa corrida à volta do edifício do Hospital, acompanhado por colaboradores do HBA.

O Hospital Beatriz Ângelo (HBA) foi palco, no domingo 9 de maio, de uma prova inédita na sua história: uma maratona de 12 horas à volta do edifício, liderada pelo triatleta e ultramaratonista Rui Martins.

O desafio foi lançado ao HBA pelo próprio atleta, que o apresentou como uma forma simbólica de homenagear, com o seu esforço, tudo o que os profissionais de saúde

fizeram no último ano. Como as equipas do HBA já estão habituadas a experiências exigentes, aceitaram o desafio de Rui Martins e cerca de 50 'atletas' do Hospital participaram na corrida, alinhando com ele ao longo das 12 horas da maratona.

Carolina, que trabalha nos serviços de apoio não clínico do HBA, foi uma das primeiras a chegar. A chuva e o vento que se fizeram



Rui Martins fez 118 km durante as 12 horas em que esteve a correr à volta do edifício do HBA. Entre as 8h e as 20h, foram-se juntando grupos de colaboradores do Hospital – e, cada um ao seu ritmo, partilhou este desafio com o maratonista. Houve quem optasse por fazer apenas uma caminhada, mas houve quem mantivesse um bom ritmo ao lado do atleta.

sentir logo pela manhã não a demoveram. E, apesar de confessar nem sequer fazer este tipo de desporto, achou que devia estar presente na iniciativa: “Este hospital e os seus profissionais foram sujeitos a um esforço muito grande. Por isso, participar é também uma maneira de demonstrar o meu apreço por este esforço”, contou antes de começar a correr ao lado de Rui Martins.

Vanessa, Beatriz, Pedro, André, André M. e Marco já estão habituados a juntar-se e a partilharem desafios: são todos enfermeiros e pertencem todos ao primeiro serviço de internamento do HBA que recebeu doentes com covid-19 no Hospital. Por isso, esta é só mais uma corrida em conjunto, asseguram. “São excelentes estas iniciativas. Fazem-nos distrair um pouco... Até porque há mais coisas para além da covid”, diz o enfermeiro coordenador Pedro Freire e chefe desta ‘equipa de atletas’. Por seu lado, Rui Maio, diretor do Departamento de Cirurgia do HBA, partilha da mesma opinião: “Acho a iniciativa extraordinária. É uma excelente forma de honrar as pessoas que aqui trabalham”, diz aos jornalistas antes de arrancar para meia-hora de corrida à volta do recinto do HBA, lado a lado com o maratonista Rui Martins.

“Isto é o que sei fazer melhor. Por isso, é desta forma que honro o trabalho destes profissionais de saúde e de todos os outros que, pelo país, se esforçaram por nós durante a pandemia”, explica o atleta também aos jornalistas presentes, confessando: “E não estava à espera de tanta adesão. Ainda

bem que as pessoas do Hospital gostaram da ideia e alinharam!”

Rui Martins fez 118 km durante as 12 horas em que esteve a correr à volta do edifício do HBA. Entre as 8h e as 20h, foram-se juntando grupos de colaboradores do Hospital – e, cada um ao seu ritmo, partilhou este desafio com o maratonista. Houve quem optasse por fazer apenas uma caminhada, mas houve quem mantivesse um bom ritmo ao lado do atleta. Foi o caso de Nuno Queirós, da equipa de segurança do Hospital, que fez 50 km em cerca de 5 horas de corrida. Já Ri-



Domingo era dia de trabalho para Ricardo, que, no entanto, não perdeu a oportunidade: assim que acabou o turno, vestiu de novo o equipamento e ainda voltou a tempo de acompanhar o maratonista na última meia hora desta corrida.

cardo Abreu, o administrativo do HBA que é também atleta guia do paraolímpico Jorge Pina, começou logo pelas 8h00 e fez 25 km seguidos, sempre ao lado de Rui Martins. Domingo era dia de trabalho para Ricardo, que, no entanto, não perdeu a oportunidade: assim que acabou o turno, vestiu de novo o equipamento e ainda voltou a tempo de acompanhar o maratonista na última meia hora desta corrida.

Rui Martins é triatleta, ultramaratonista e também treinador. Aos 16 anos, teve um cancro no joelho, situação que superou e, desde então, mantém o espírito e procura ultrapassar outro tipo de dificuldades físicas, nomeadamente as das maratonas e corridas, algumas delas como forma de angariar fundos para instituições.

Em 2020, por exemplo, fez uma ultramaratona solidária de 200 km, com um percurso que começou na localidade de Odivelas em Ferreira do Alentejo e terminou na Odivelas mais conhecida, na região de Lisboa. Com o apoio de várias entidades, cada quilómetro cumprido teve um determinado valor que foi entregue à Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa (onde é voluntário, aliás, dando treino aos associados).

O Hospital Beatriz Ângelo agradece a todos os colaboradores que aceitaram mais este desafio. Mas dirige uma palavra especial de agradecimento ao Rui Martins, pela sua dedicação e pela prova de esforço e empenho que dedicou a todos os profissionais de saúde. Obrigada, Rui!



LABORATOIRES

KLORANE

Com
Calêndula
proveniente
de cultura
biológica

Cuida da pele do bebé naturalmente¹

LEITE HIDRATANTE

Hidrata, acalma e
protege a pele seca
do recém-nascido
e do bebé

CHAMPÔ DESEMBARAÇADOR

Lava e desembaraça
com suavidade,
deixando o cabelo
sedoso

TOALHETES DE LIMPEZA SUAVES

Limpa delicadamente
o rabinho do bebé

Zona da fralda
irritada²?
ERYTELA 3 EM 1
POMADA MUDA
DA FRALDA



1. Pelo menos 96% de ingredientes de origem natural nos cuidados sem enxaguamento (Toalhetes de Limpeza Suaves e Leite Hidratante). 2. Irritações de origem não patológica. 3. Sem ingredientes de origem animal. 4. Contém pelo menos 25% de plástico reciclado. 5. Champô desembaraçador (OCDE 301B) e Toalhetes de Limpeza Suaves (EN 13432).

Pierre Fabre
Derma-Cosmétique

PIERRE FABRE DERMOCOSMÉTIQUE PORTUGAL, Lda.
Rua Rodrigo da Fonseca, 178, 3^o e 5^o 1070-243 Lisboa

KL-113-04/21





CUMpra AS REGRAS, VIVA EM SEGURANÇA!

Apesar dos esforços de vacinação, o vírus SARS-CoV-2, causador da COVID-19, continua a transmitir-se na população e todos – não vacinados ou vacinados – podemos ser afetados.

Por isso, enquanto a quase totalidade da população não estiver vacinada, temos de continuar a adotar os cuidados de proteção recomendados pelas autoridades de saúde, mesmo as pessoas que já têm a sua vacinação completa (14 dias após a 2ª toma de vacinas com duas tomas ou após a toma da vacina da Janssen).

Manter estas regras ajuda a controlar a transmissão da doença e faz parte da contribuição que cada um de nós deve dar para o bem-estar comum:

- Use sempre máscara e mantenha distância quando estiver com pessoas com quem não vive habitualmente na mesma casa;
- Durante as refeições e outros momentos sociais à mesa, em que esteja sem máscara, mantenha as cadeiras à sua frente

Nesta fase difícil da pandemia no país, manter regras de proteção permite viver em segurança e contribuir para o bem-estar comum.

- e ao seu lado vazias sempre que as pessoas com quem estiver à mesa não sejam aquelas com quem vive habitualmente;
- Quando estiver com amigos ou familiares com quem não vive habitualmente na mesma casa, mantenha sempre a máscara colocada e nos momentos das refeições use a regra anteriormente referida de lugares alternados;
- No local de trabalho mantenha a máscara sempre colocada se partilhar a sala com outros colegas;
- Se der boleia a alguém com quem não vive habitualmente, mantenha a máscara sempre colocada;

- Lave frequentemente as mãos, especialmente antes e depois de mudar de máscara, ao chegar a casa ou após contactar com superfícies frequentemente utilizadas;
- Não partilhe copos, loiça ou talheres;
- Não saia de casa, use máscara em casa, mantenha-se mais afastado das pessoas com quem vive e contacte a linha SNS 24
 - Se tiver sintomas de febre não explicada por uma infeção não respiratória, tosse, constipação, dor de garganta, perda do paladar ou do olfato;
 - Se contactou com um caso positivo.

Se ainda não iniciou a sua vacinação, mantenha-se atento às datas e comunicações das autoridades de saúde.

E se precisar de ir ao Hospital Beatriz Ângelo, saiba que somos um hospital seguro, que cumpre as regras de proteção exigidas para profissionais de saúde e para os seus doentes.



ASSISTA AO VÍDEO
<https://youtu.be/5qyssdxPpwU>

Deixe-se surpreender por NANCARE!

ESPECIALMENTE
DESENVOLVIDO
PARA
BEBÉS
e CRIANÇAS



NANCARE®
FLORA - PRO



Indicado em casos de **diarreia**
e/ou em situações de
tratamento antibiótico.

NANCARE®
FLORA - SUPPORT



Destinado a bebés com
obstipação.

NANCARE®
FLORA - EQUILIBRIUM



NANCARE®
VITAMINA D



Para todas as crianças

NANCARE®
DHA, VITAMINA D & E



NANCARE® HMOs



Um **cuidado extra** para os
bebés e crianças

Apresentamos a nova gama de **Suplementos alimentares NANCARE**, um cuidado extra para ajudar todos os bebés e crianças.


NANCARE.
ao lado dos bebés em todos os momentos

Mais informação sobre suplementos para bebés e sobre a gama NANCARE em: www.nestlebebe.pt

NOTA IMPORTANTE: Os suplementos alimentares não devem ser utilizados como substitutos do leite materno, regime alimentar equilibrado ou de um estilo de vida saudável. Não exceder a dose diária recomendada. Manter fora do alcance das crianças.



**GUARDAR
AS CÉLULAS ESTAMINAIS
É UMA OPORTUNIDADE ÚNICA
PARA A SAÚDE DO SEU FILHO**



231 30 50 60
www.crioestaminal.pt

 **crioestaminal**
líder em células estaminais